

BLUMENAU

em Cadernos



ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos



Fundação Cultural de Blumenau

Braulio Maria Schloegel

Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

BLUMENAU
em Cadernos



COPYRIGHT © 1998 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”
Rótulos de antigas indústrias e
estabelecimentos comerciais de Blumenau.

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

DIGITAÇÃO

Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

DIREÇÃO EXECUTIVA

Dirceu Bombonatti

SUMÁRIO

O dirigível Graf Zeppelin sobrevoando Blumenau <i>Eugen Fouquet</i>	07
Carta aos pais e parentes (02/03/1849 – 21/05/1849) <i>Hermann Blumenau</i>	16
Meu cinquentenário de formatura em Medicina (1929-1979) <i>Afonso Rabe</i>	19
O professor que o imigrado inventou <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	52
Livros Novos <i>Enéas Athanázio</i>	57

**O Dirigível
Graf Zeppelin
Sobrevoando
Blumenau**

Texto:

**EUGEN
FOUQUET***



Apresentamos nesta edição de documentos originais um artigo extraído do periódico editado em alemão, “Der Urwaldsbote”, de 3 de julho de 1934.

O texto, intitulado “O Dirigível ‘Graf Zeppelin’ sobrevoando Blumenau”, tece comentários sobre a passagem desta aeronave alemã na cidade.

O acontecimento repercutiu entre a população, que procurou os melhores pontos da cidade e de suas casas para melhor visualizar esta travessia. Com 235m de comprimento e 30m de largura o dirigível emocionou a população e muitos, levados pelo entusiasmo e encantamento, saudavam a passagem do “Graf Zeppelin”, empunhando bandeirinhas.

O texto que ora publicamos foi escrito pelo redator-chefe do periódico, o jornalista Eugen Fouquet. O autor deixa transparecer a admiração pela “grandiosidade” que a Alemanha representava naquele momento histórico e proclama que o “Graf Zeppelin” seja o portador de um tempo melhor e favoreça intercâmbios culturais e comerciais em benefício da humanidade.

Incita para a paz e a igualdade entre todos, arriscando a previsão de um futuro melhor. No entanto, a História nos mostrou, através da 2^a. Guerra Mundial, que a paz não seria a tônica para os próximos anos.

Tradução: Annemarie Fouquet Schünke.

Luftschiff "Graf Zeppelin" über Blumenau

Vom Herausgeber

Das waren bange Tage, die hinter uns liegen, Tage freudigen Erwartens, aber auch große Sorge. Wohl hatten wir bereits durch den Radio Sender Buenos Aires in Erfahrung gebracht, daß "Graf Zeppelin" auf seiner ersten Argentinienfahrt, Ende Juni d. J., auf seiner Rückreise Blumenau mit überfliegen sollte; aber allen jenen Zusagen von beteiligter Seite, folgte immer wieder der Einschränkungssatz: "Wenn die Witterung es erlaubt!" Durch eine gut gemeinte Fehlmeldung am Donnerstag voriger Woche, daß das Luftschiff bereits auf der Hinfahrt Rio-Buenos Aires Kurs über Blumenau nehmen würde, wurde die Situation für uns gewiß nicht angenehmer; Tausende waren bereits am Freitag morgen in früher Stunde aufgestanden und weither nachts herbeigeeilt, um sich dieses seltene Schauspiel nicht entgehen zu lassen.

In unserer letzten Freitagsnummer gaben wir bereits die betreffenden Erklärungen ab und orientierten, wenigstens in einer Teilaufgabe unserer Zeitung, unsere Leser dahin, daß der Besuch des "Graf Zeppelin" vor Sonntag morgen nicht zu erwarten sei. Dann verdichteten sich die zahlreich einlaufenden Nachrichten bis Sonnabend nachmittag so weit, daß an Hand der bekanntgegebenen Abfahrtsstunde des Luftschiffes in Buenos Aires, am genannten Tage 11 Uhr vormittags, sein Eintreffen in Blumenau annähernd vorausgesagt werden konnte, so, daß unser Sonderblatt, daß das Erscheinen des "Graf Zeppelin" auf Sonntag morgen zwischen 6 und 7 Uhr anzeigte, am späten Nachmittag noch zur Ausgabe gelangen konnte. Inzwischen wurde diese Kunde durch die Diensttelephone der Santa Catharina-Eisenbahn und des Saltowerks und durch die Cia. Telephonica Catharinense überallhin in die Koloniezentren weitergegeben, so daß dieser Mitteilungsdienst, durch viele freundliche Helfer unterstützt, gut vonstatten ging.

Die Witterung von Sonnabend auf Sonntag war nicht gerade günstig. Als der Morgen graute, stellten sich auch bereits die unerwünschten Nebelwolken ein, die das Erscheinen des Luftschiffes gänzlich in Frage stellen konnten. Eine Fahrt wie hier ins Landinnere birgt naturgemäß ganz andere Gefahren als ein Kurs längs der Küste, zumal hier im Staate Santa Catharina wo sich die Gebirgsmassen der Serra do Mar bis dicht an den Meeresstrand heranschieben. Und diese Gebirgsmassen weisen obendrein recht stattliche Höhen auf, ein Gefahrenpunkt mehr für ein Luftschiff vom Ausmaße des "Graf Zeppelin", der bekanntlich nur einmal auf dem Erdenrund existiert, und dessen

O Dirigível “Graf Zeppelin” Sobrevoando Blumenau

Os últimos dias foram de grande expectativa, mas também de preocupação. Já havíamos recebido a notícia através da rádio de Buenos Aires que o dirigível “Graf Zeppelin” em sua primeira viagem à Argentina, ao retornar sobrevoaria Blumenau, mas sempre com a ressalva de que dependeria do tempo. Quinta-feira passada recebemos uma bem intencionada notícia, de que o dirigível passaria por aqui em sua viagem de ida para Buenos Aires, mas isto foi um mal entendido. Para nós foi embaraçoso, pois milhares de pessoas daqui e da redondeza vieram bem cedo para ver este curioso espetáculo.

Em nossa edição da última sexta-feira, pelo menos em uma parte da mesma, já havíamos informado aos nossos leitores que o “Graf Zeppelin” não seria esperado antes de domingo pela manhã. Mas então, após o recebimento de várias informações, no sábado à tarde, comunicando sua saída de Buenos Aires neste dia às onze horas, conseguimos publicar uma edição comunicando sua chegada entre seis e sete horas da manhã de domingo. Os moradores das colônias foram informados através dos telefones da Estrada de Ferro Santa Catarina, da Companhia Telefônica e da Usina da Ponte do Salto. Com esta ajuda a notícia logo se espalhou.

Infelizmente o tempo de sábado para domingo não estava muito bom. Ao amanhecer, as nuvens começaram a encobrir o céu pondo em risco o aparecimento do dirigível. Uma viagem pelo interior naturalmente tem seus riscos, pois é diferente do que pelo litoral, isto porque, em Santa Catarina a Serra do Mar se estende até o mar. Ainda mais que esta serra tem picos elevados, sendo isto um risco maior para um dirigível das proporções do “Graf Zeppelin”. E como é do conhecimento de todos, este dirigível é único no mundo e sua segurança não poderia ser colocada em risco nesta viagem de propaganda. Por tudo isto, tínhamos dúvidas se teríamos realmente oportunidade de ver o tão esperado dirigível nesta região isolada do Vale do Itajaí.

Mas desta vez nossas esperanças não foram em vão. No momento em que o relógio marcava seis e quarenta e cinco, surgiu a nave prateada. Era o “Graf Zeppelin” que vinha pelo Vale do Itajaí, passando perto do “Morro do Aipim”, dominando a paisagem.

Sicherheit bei dieser Propagandafahrt natürlich nicht im geringsten irgendwelchen Gefahren ausgesetzt werden durfte. So waren es der Punkte viele, die uns bis zum letzten Augenblick daran zweifeln ließen, ob wir den lang herbeigesehnten Anblick des Zeppelinluftschiffes hier in unserer, vom Weltverkehr weitab liegenden Itajahyzone auch wirklich erleben würden.

Aber unser Hoffen sollte dieses Mal nicht vergeblich sein Gerade als der Uhrzeiger das letzte Viertel der 7. Morgenstunde angezeigt hatte, schob sich der blendend silberne, schlanke Körper des "Graf Zeppelin" von Itajahy kommend durch das Flußtal des Itajahy-açu dicht am Aipimberge vorbei, und bald beherrschte er unser Stadtplatzbild. In großer Schleife fuhr das Luftschiff in einem gewaltigen O-Bogen in der leider noch etwas düstigen Atmosphäre hin, mit Beben begrüßt von der erwartungsvoll harrenden Menge, die sich auf den Höhen ringsum, allen größeren Aussichtspunkten, bei den Kirchen, auf den Plätzen und Straßen überall angesammelt hatte. Nicht nur uns Deutschstämmigen wurde es hier zum einzigen Erlebnis, daß Deutschland seine Grüsse hier herüber bis zum Rande des brasilianischen Urwalds gesandt hatte, um Kunde zu geben, wie deutsche Technik unerreicht in der Welt auf dem zukunftsreichen Gebiete der Luftschiffahrt Triumphe sondergleichen feiere, wie es deutsche Erfinder und deutsche Wissenschaftler und Praktiker sind, die dieses schwierige Gebiet meistern halfen und damit neue Verbindungen und Brücken zu allen Völkern der Erde schufen, sondern auch unseren brasilianischen Mitbürgern wurde nähergebracht, daß sie hier ein seltenes Werk des Friedens schauen konnten. War es ein Wunder, daß einem alten, gedienten Soldaten angesichts dieses Weltwunders die Tränen in die Augen traten, daß ein Greis, hoch an Lebensjahren, wie er das gewaltige Luftschiff in majestätischer Ruhe dahingleiten sah, uns versicherte, nunmehr zu seinen Vätern heimkehren zu können, habe sich doch der letzte Wunsch seines Lebens erfüllt. Jung und alt, groß und klein, wurden von dem hehren Erlebnis gleichermaßen benommen, und wohl den meisten wurde inne, daß sie hier Zeuge eines seltenen Geschehens geworden waren.

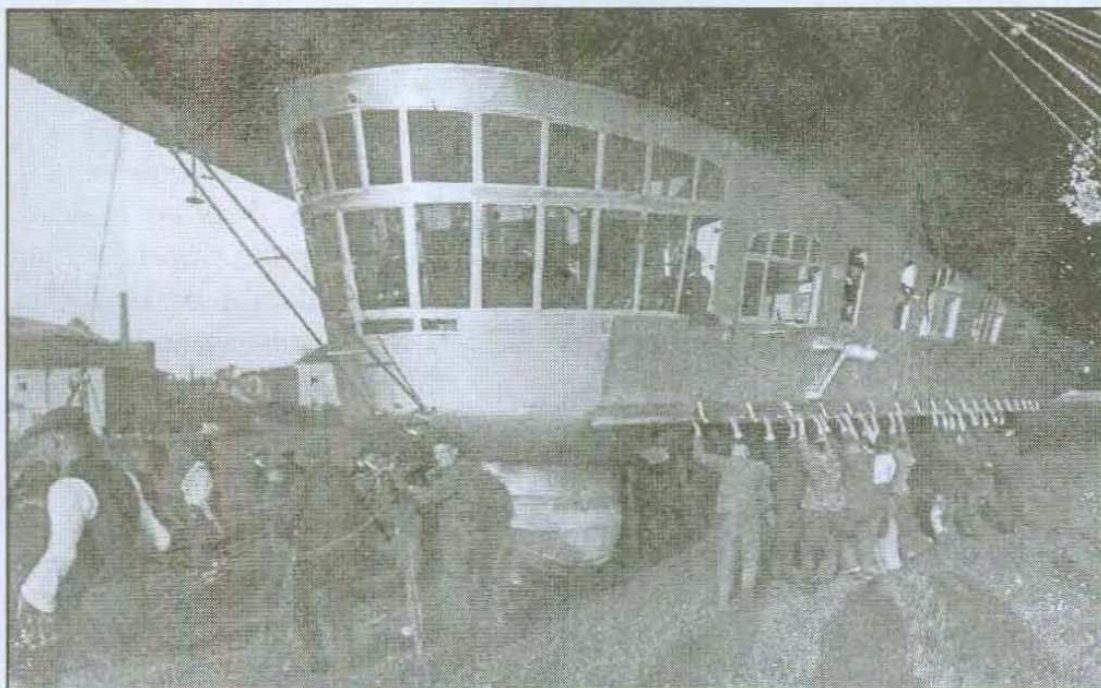
Und wir wollen hoffen, daß die Insassen des gewaltigen Luftschiffes, 23 Passagiere hatte "Graf Zeppelin" in Buenos Aires aufgenommen, Führer und Mannschaft, in gleicher Weise von dem Landschaftsbild, das sich ihnen hier bot, angenehm überrascht gewesen sind. Brasilien ist das Land der unendlichen Flächen, ganz gleich, ob Wald oder Kamp, Seegebiet oder Gebirge, immer zeigt sich unser Land in seiner ganzen Totalität, sind die Ausmaße ungeheuerlich groß. Anders hier in unserer Itajahyzone, wo Volksdeutsche in mehreren Generationen das Landschaftsbild durch ihrer

Infelizmente o céu continuava parcialmente nublado, mas o dirigível deu uma grande volta e foi entusiasticamente saudado pela população, que se encontrava nos morros das igrejas, nas praças e nas ruas da cidade. Este acontecimento único não foi apenas para os descendentes de alemães, mas também para nossos conterrâneos brasileiros. Esta saudação da Alemanha aqui no interior do Brasil teve como propósito divulgar e demonstrar o avanço tecnológico e o futuro da aviação, e mostrar como os inventores, cientistas e técnicos se empenharam em dominar esta área, com isto estabelecendo novos contatos entre todos os povos da terra. Havia lágrimas nos olhos do soldado aposentado ao contemplar esta maravilha, um senhor idoso afirmou que agora, depois de ter visto realizado seu grande sonho, morreria em paz. Todas as pessoas, crianças, jovens ou idosas, estavam emocionadas com este evento e a maioria sentiu que foram testemunhas de um acontecimento extraordinário.

Nós esperamos que a tripulação e os vinte e três passageiros que embarcaram em Buenos Aires tenham vivenciado uma agradável surpresa com a paisagem do vale que se lhes apresentou. Seja mata ou campo, praias ou serras, o Brasil é um país de áreas imensas. Mas no Vale do Itajaí é diferente. Aqui, o trabalho de gerações de alemães transformou a terra numa região aprazível. E de acordo com as palavras do fundador, Dr. Blumenau, esta seria uma região na qual o pequeno agricultor seria maioria e onde milhares de alemães poderiam se estabelecer, já que em sua pátria não havia terras suficientes para o plantio e criação de gado. O resultado deste trabalho os integrantes do "Graf Zeppelin tiveram oportunidade de ver no domingo passado e, se for verdade o que dizem, que a vista do alto sobre o vale é encantadora, então os ousados viajantes tiveram o prazer de levar na lembrança um raro espetáculo.

Mas para nós, descendentes de alemães, esta saudação teve um significado maior. As cores preta, vermelha e branca prenunciam que nossa pátria-mãe se dispõe a conquistas maiores e que o símbolo da suástica de Adolf Hitler, disputará com outras nações um lugar de destaque no mundo e saberá honrá-lo. Isto demonstra como a nova Alemanha está se erguendo após grave crise por que passou e envia seus melhores cidadãos pelo mundo afora para lembrar a todos os conterrâneos de manterem suas tradições.

Hände Arbeit abwechslungsreicher, lieblicher gestalten halfen, wo getreu den Worten des einstigen Entdeckers und Gründers, Dr. Hermann Blumenau, die Kleinbauersiedlung regieren sollte und Raum vorhanden war für die Tausende deutscher Stammesgenossen, denen schon damals die deutsche Muttererde den nötigen Raum als Ackerbauer und Viehzüchter versagen mußte. Die Früchte solchen restlosen Schaffens konnten die Fahrgäste des "Graf Zeppelin" hier am vergangenen Sonntag mit eigenen Augen schauen, und wenn es wahr ist, daß unser Blumenau auch vom Flugzeug aus einen bestrickend schönen, originellen Eindruck macht, dann dürfen wir hoffen, daß die kühnen Luftfahrer hier auf noch nicht befahrenen Breiten einen seltenen Genuß landschaftlicher Schönheit mit fortgenommen haben.



**Graf Zeppelin, criado pelo Conde von Zeppelin,
com o intuito de transmitir ao mundo
a ideologia nazista e a
capacidade tecnológica da Alemanha**

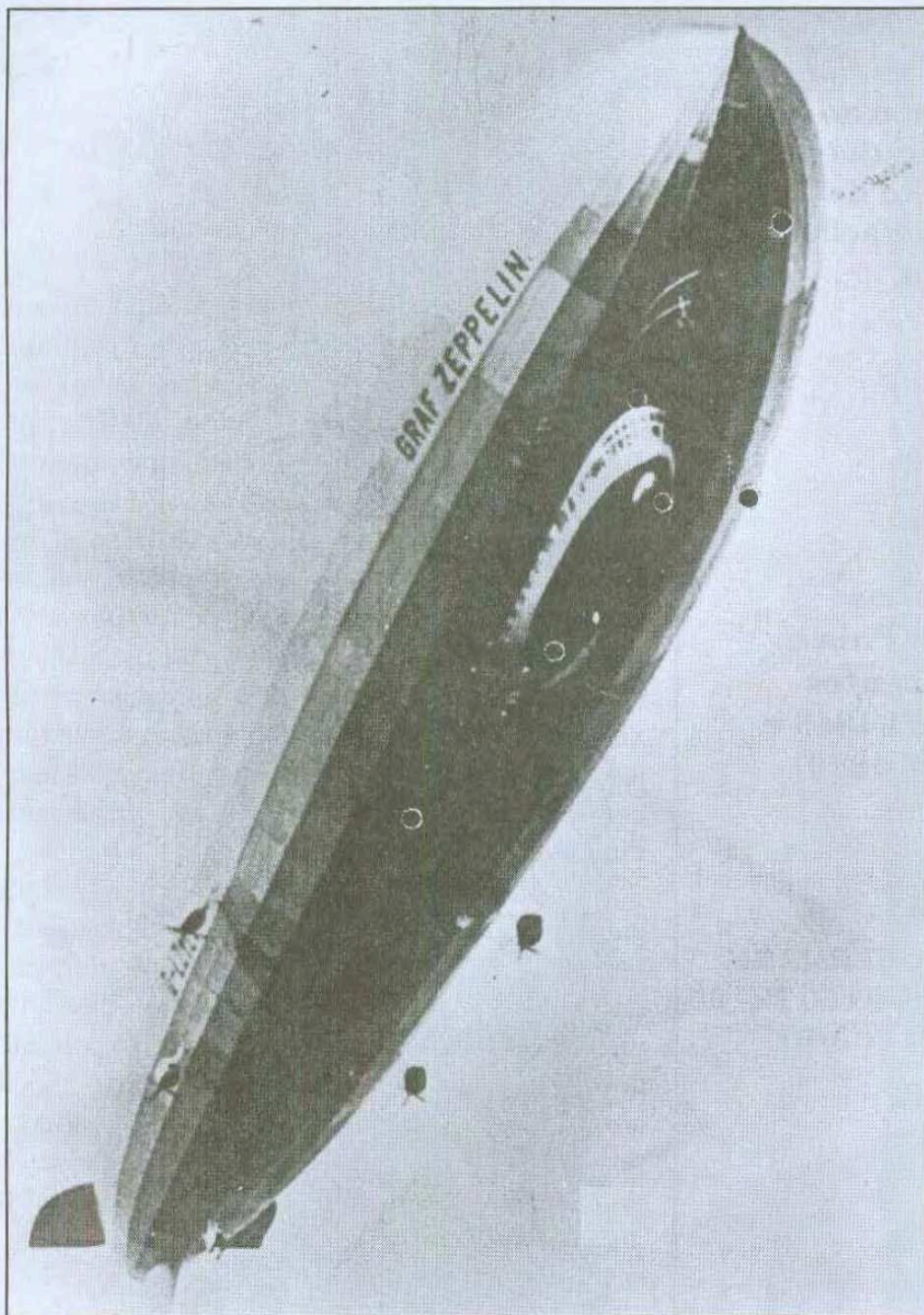
Sabemos das dificuldades que este novo governo enfrenta, das forças ocultas que tentam destruir o que já foi conseguido. Mas o “Führer”, Adolf Hitler, não tem apenas uma missão a cumprir com os alemães que vivem no exterior, os quais mantêm uma concorrência pacífica com todos os povos, mas quer mostrar ao mundo que a democracia e o liberalismo são passado e que novas formas de governo deverão surgir para satisfazer os anseios de todos os povos. Foi isto que nos emocionou quando o “Graf Zeppelin” sobrevoou a região anunciando o início de uma nova era.

Sentimos gratidão pelo Brasil, nossa terra natal, pois foi o primeiro país do continente americano que abriu caminho para a navegação aérea intercontinental e com isso o “Graf Zeppelin”, este gigantesco meio de comunicação, alcançou notoriedade internacional. Esperamos que esta viagem do “Graf Zeppelin” para a Argentina, tenha como resultado uma maior abertura da América do Sul para empreendimentos comerciais da Alemanha e que dinâmicos empresários invistam mais aqui. Então esta viagem, com certeza, será uma bênção para o Brasil e para a Alemanha. Que o “Graf Zeppelin” seja o portador de um tempo melhor e que os países, ao invés de investirem em armamentos e de se destruírem em guerras inúteis, tenham como objetivo principal o entendimento entre os povos e um intercâmbio comercial e cultural maior. E que não seja mais como hoje onde de um lado existe riqueza e do outro miséria, mas que haja uma distribuição justa para que possamos ter um mundo mais feliz, porque há lugar para todos!

Uns Deutschstämmigen war aber dieser Gruß aus der Stammesheimat mehr als ein schnell vorübergehendes Schauspiel; die Farben Schwarz-Weiß-Rot kündeten uns, wie das Stammland zu neuem, kühnem Fluge sich anschickt, und die Hakenkreuzflagge war uns ein Symbol, wie dieses Deutschland unter Adolf Hitlers Führung den Wettstreit der Völker um den Platz an der Sonne aufnehmen und ehrenvoll bestehen wird. Es war uns ein Wahrzeichen, wie das neue Deutschland, von schwerer innerer Krisis kaum genesen, sich wieder aufrichtet, wie es seine besten Mannen weit übers Weltmeer sendet, um alle seine Vollsgenossen daran zu erinnern, wie ein einigendes Band alle Deutschstämmigen auf der Erde kulturell umfassen soll.

Wir wissen es, wie gerade gegenwärtig dieses neue Reich schwer zu kämpfen hat, wie viele dunkle Mächte an der Arbeit sind, das unter schwerem Ringen Erreichte wieder zunichte zu machen. Der Führer Adolf Hitler hat aber nicht nur seinen Vollsgenossen hier draußen eine Mission zu bringen, die sich nach all seinen Betätigungen immer in dem Rahmen eines freundlichen Wettbewerbes mit allen Völkern der Erde bewegen wird; er will der Welt auch ein Beispiel geben, daß Demokratie und Liberalismus auf unserer Erde abgetane Größen sind, und neue Formen geprägt werden müssen, um eine Befriedung von Volk und Erde zu erreichen. Das war es, was uns bewegte, als "Graf Zeppelin" hier in stolzer Fahrt das Aetherreich durchfurchte und als seine Heckfahnen uns den Aufbruch eines Volkes und einer neuen Zeit kündeten.

Dankbar gedenken wir dabei unseres Vaterlandes Brasilien, das als erstes Land auf dem Südamerika-Kontinent gerade dem "Graf Zeppelin" den ständigen Ozeanverkehr erschloß und die Wege bahnen half, diesem gigantischen Verkehrsmittel seine Weltgeltung zu verschaffen. Möge die letzte Argentinienfahrt des "Graf Zeppelin" gleichzeitig Anlaß sein, daß sich Südamerika wieder deutschem Handel, deutschem Unternehmungsgeiste und deutschem Wagemute erschließt, dann wird diese erste Fahrt längs unserer herrlichen Südküste gewiß zum Segen beider Länder, Brasilien und Deutschland, werden. So soll uns "Graf Zeppelin" der Bringer einer besseren Zeit sein, die nicht ihr Betätigungsfeld in sinnlosen Rüstungen und gegenseitigen Abdrosselungen sieht, sondern ihre Hauptaufgabe darin erblickt, Brücken zu schlagen von Volk zu Volk, von Kontinent zu Kontinent; die durch gegenseitiges Verstehen und in einem gesunden Austausch wirtschaftlich und kulturell die Völker einander näherbringen will und einen Ausgleich sucht, daß nicht wie heute Fülle und Elend, Mangel und Ueberfluß so dicht beieinander stehen und dadurch die Befriedung der Erde in immer fernere Zeiten rückt, denn: Raum für alle hat die Erde!



Passagem do “Graf Zeppelin” em Blumenau – 01/7/1934.

**Blumenau
Rumo ao
Sesquicente-
nário de
Fundação**

**Cartas
aos Pais e
Parentes
(02/3/1849 e
21/5/1849)**

Texto:

*DR. HERMANN
BRUNO OTTO
BLUMENAU**

Carta No. 15

Berlim, 2 de março de 1849.

Minha querida e boa mãezinha!

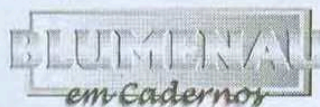
Faz doze dias que cheguei aqui, mas somente hoje à noite tive um pouco de tranqüilidade e calma para escrever-lhe algumas linhas.

Andei muito, gastei muito dinheiro, mas até agora pouco consegui do que pudesse ser útil e por isto estou muito desanimado. Encontrei por toda parte palavras bonitas e amabilidades, contudo ainda não é aquilo que procuro, ou seja, um apoio sólido para minha colonização. Cansado de conversas e visitas, sentei-me para escrever um memorial ao ministro, o qual entregarei na próxima semana. Após isto terão que me dar alguma resposta e então saberei em que situação me encontro. Desse modo não precisarei gastar mais dinheiro em vão e esgotar-me tanto.

Mais pessoas, e em parte bem abastadas, entraram em contato comigo em Thüringen e Osterlande, mais até do que preciso no momento; eu as fiz aguardar por enquanto, até que tenha visto o que posso esperar da Prússia. Já é alguma coisa que vale a pena o trabalho, mas isso não me ajudou muito. Se dentro de dez dias não tiver resposta, partirei para Braunschweig, até vocês, porque aqui gasto muito dinheiro, apesar de ter alugado um quarto.

* Natural da Alemanha – Hasselfelde, fundador da Colônia Blumenau em 02/09/1850.

Tradução: **Valéria Mailer.**



Precisei pagar muito caro no hotel, e ainda teria gasto mais se não tivesse conseguido a atual acomodação através de um conhecido.

Em Hamburgo fui muito bem recebido pela família Schröder. O jovem Schröder, que eu pretendia visitar, não estava, viajara há oito dias para Portugal. Sua esposa só vi uma vez à noite. Realizei alguns negócios em Hamburgo, apesar de ter estado lá apenas por três dias, todavia também não consegui dinheiro para minha grande colonização.

(Seguem notícias familiares, relatando que seu cunhado também não está financeiramente bem).

Fiquei um pouco desanimado quando vi fugirem as perspectivas de fazer além mar um bom negócio e o pai não precisaria mais mandar dinheiro. Auguste disse que o dinheiro que ela possui dar-me-á, mas dificilmente serão mais de 600 ou 800 moedas de prata (Thaler).

Trommsdorf e sua esposa, bem como Sturz receberam-me muito bem. Este último vive sempre nas nuvens e não se pode esperar dele algo real. Mas obviamente ele pode me favorecer com suas cartas de apresentações, que são bem vindas e compensarão a viagem. Através de meu amigo Keiner em Neustadt an der Orla recebi uma porção de ofertas para me acompanhar e, em parte, de pessoas que possuem mais de 10.000 moedas de prata (Thaler). Horn em Ottenhausen, o irmão de Mad. Wahn, Carl e mais alguns na região também mostraram interesse.

Sobre minha letra de câmbio não tenho notícias agradáveis e acabo de receber a informação de que até abril poderei receber somente 200 moedas de prata (Thaler) descontando despesas; nada mais que aborrecimentos.

Ainda não sei quanto tempo ficarei aqui. Se não conseguir nada, irei logo para Braunschweig.

Seu filho fiel,

H. Blumenau

Carta Nº 16

Braunschweig, 21 de maio de 1849.

Minha mãezinha do coração!

Recebi a notícia de Hamburgo que o jovem Schröder já regressou de Portugal. Eu mato dois coelhos com uma cajadada se viajar agora para lá e entregar o dinheiro. Mas me faltam para isso algumas peças de roupa e alguns documentos que deixei com vocês, pois não estava preparado na época para ir a Hamburgo.

.....

(Ele sugere à mãe passar Pentecostes com ele e a família Götter em Hamburgo; tenta convencê-la, e insiste que ela venha e não desmanche o prazer de todos eles. Pergunta se ela poderia trazer-lhe também algumas roupas e os documentos, que ele agora passa a descrever pormenorizadamente onde se encontram. Caso ela não possa vir, se ela poderia então enviar tudo isto, não franqueado, com o correio de sexta-feira.

Juntamente com a carta segue uma nota da irmã de Dr. Blumenau, Agnes, casada Götter, que também insiste com a mãe novamente para ir com eles a Hamburgo.)

Meu Cinqüentenário de Formatura em Medicina (1929-1979)

Texto:

AFONSO RABE*



Recebemos através do Dr. Cezar Zillig várias páginas escritas pelo Dr. Afonso Rabe, onde o mesmo relembra sua chegada à cidade após a formatura, dificuldades para encontrar trabalho nos hospitais locais, doenças epidêmicas que assolaram a região, o cotidiano das práticas medicinais e sua atuação como médico sanitarista. Enfim, alegrias e desapontamentos vividos ao longo dos seus cinquenta anos dedicados à Medicina.

Dr. Afonso Rabe nasceu no dia 26 de maio de 1906, em Massaranduba (Distrito de Blumenau) e faleceu no dia 01 de julho de 1988, em Blumenau.

Algumas anotações e reflexões

O corrente ano de 1979 faz me recordar amiúde o de 1929, quando eu galgava a última etapa do curso médico, em companhia de mais ou menos 300 colegas de turma na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro.

Esse último ano da Faculdade eu tenho na lembrança como o mais suave dos seis, já mesclado com sentimentos novos e contraditórios; um misto de alegria e de tristeza; de triunfo próximo e de saudade; de expectativa e de curiosidade pelo porvir, que já se delineava lá adiante mas como que ainda completamente encoberto por densa nebulosidade.

Quando finalmente em dezembro de 1929, alcançamos o tão almejado topo da longa escalada, eu tive a súbita e estranha sensação de um total vazio interior. Como num pesadelo, senti-me de repente abandonado numa vastíssima estepe, erma e de chão instável, sozinho e estático, sem saber que rumo tomar para me safar da incômoda situação.

Na verdade, até então, eu não havia elaborado nenhum plano para meu futuro imediato, e, ao despertar desse torpor, tratei de mexer-me sem demora, antes mesmo de enveredar a nova trilha de minha vida.

Arrumei a mala com meus poucos pertences de estudante; encaixotei os livros e alguns utensílios médicos indispensáveis e embarquei no primeiro navio a fazer escala em Itajaí. Devo esclarecer que naquele tempo, esse era o único meio de locomoção que eu usava para viajar ao Rio de Janeiro e vice-versa. Levava-se, em geral, 4 dias no percurso e, a disponibilidade era de apenas um navio por semana, em média, nessa rota de cabotagem. Para viajar ao Rio havia a possibilidade da via férrea, a partir de Jaraguá do Sul, com baldeações em Curitiba e São Paulo, mas era ainda mais demorada e, sobretudo, muito menos confortável. Somente anos mais tarde se tornaram possíveis as viagens rodoviárias e as de avião. Tudo tinha de ser feito com calma e sem pressa. Em compensação, o “stress” ainda não havia sido inventado!

Assim, em janeiro de 1930, estava eu novamente aqui em Blumenau, para decidir meu novo destino. De pronto senti que aqui, na época, reinava uma indisfarçável desconfiança e descrença na eficiência da medicina brasileira. Só se respeitava a medicina alemã.

Os hospitais de então eram os mesmos de hoje em número, porém, evidentemente muito menores e mais modestos em suas instalações. Havia apenas 5 médicos em toda a cidade e arredores, sendo: um no Hospital S. Isabel (Dr. Capelle); um no Hospital S. Catarina (Dr. De Ahna). Ambos eram cirurgiões especialmente contratados, os quais, em geral, permaneciam por poucos anos, talvez vindos mais por um certo espírito aventureiro e para “fazer América” (fortuna), como se dizia então, e depois voltar à Alemanha. Um terceiro médico (Dr. Kübel), já idoso, era clínico-geral e atendia no antigo Hospital Municipal (hoje S. Antônio), o qual já estava radicado aqui há muitos anos e ficou em Blumenau até sua morte. Da mesma forma um especialista em olhos, ouvidos, nariz e garganta (Dr. Pape), e por último, mais um clínico (Dr. Berger) que não demorou muito tempo, transferindo-se para outra localidade.

Essa preferência pelos médicos alemães até então, era perfeitamente compreensível. Blumenau e suas redondezas foram colonizadas por alemães e naquela época falava-se aqui quase que exclusivamente a língua alemã. Aliás, desse estado de coisas, os maiores culpados, sabidamente, foram os nossos próprios Governos das décadas anteriores a 1930, que prima-

ram pela inércia na instalação de escolas brasileiras na região, quer em número, quer em qualidade. Os imigrantes tradicionalmente habituados à alfabetização de seus filhos, na omissão dos Governos, construíram suas próprias escolas e buscaram na Alemanha os professores que não conseguiram aqui. Tal situação educacional só começou a mudar com as radicais medidas de nacionalização tomadas pelos Governos depois de 1930.

Apesar dos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial (14-18) e seus reflexos no Brasil, poucos de Blumenau tiveram a visão de levarem seus filhos para Florianópolis a fim de cursarem o ginásio no único estabelecimento oficial do gênero em todo o Estado de SC. naquela época: o Colégio Catarinense. Entre esses felizardos estava eu. Entrei no ginásio (internato) em Janeiro de 1919 e terminei o curso em dezembro de 1923. Já em fevereiro de 1924 me submeti ao exame vestibular na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro e, aprovado, iniciei o curso médico, concluindo-o em dezembro de 1929.



Descansando um pouco aqui em Blumenau, num daqueles dias de janeiro de 1930, já diplomado, ao visitar um tio meu que se achava internado no hospital S. Isabel, casualmente encontrei-me com o Dr. Capelle no quarto do doente. Identificando-me, aproveitei a oportunidade para indagar da possibilidade de apreciar uma ou outra intervenção cirúrgica dele, enquanto eu permanecesse aqui em férias, ao que ele me respondeu categoricamente que não podia atender-me, baseado no contrato de exclusividade que ele mantinha com o hospital.

Ainda não refeito da surpresa, eis que no dia seguinte a este episódio, um membro da

Diretoria do Hospital S. Catarina apareceu na loja de meu pai, a título de fazer alguma compra e, na conversa entabulada, perguntou se era verdade o que sucedera comigo na véspera com o médico do Hospital S. Isabel, conforme foram cientificados imediatamente. Tendo meu pai confirmado o fato, o dito senhor houve por bem comunicar-nos preventivamente, em nome da diretoria, que também no Hospital Santa Catarina, por força de diretrizes estatutárias, não havia nenhuma possibilidade de entrada de qualquer outro médico na qualidade profissional.

Para quem como eu, nem sequer tinha começado o exercício da profissão, positivamente as perspectivas locais não eram lá muito animadoras. Só restou resignar-me com os fatos e reconhecer que os dois hospitais mencionados eram entidades particulares e tinham o pleno direito de regulamentá-los a seu modo e de acordo com as diretrizes e a mentalidade da época. De qualquer maneira, diante das dificuldades que se depararam eu fiquei indeciso entre o juntar meus trapos e ir embora, o quanto antes, na esperança de encontrar alhures algum terreiro mais hospitaleiro para cantar ou se devia aguardar melhores brisas para o meu velejar, já que conforme a velha sabedoria popular : Não há como um dia depois do outro. Afinal de contas o que ninguém me podia contestar era que, com minha formatura em medicina no Rio de Janeiro, eu tinha adquirido o legítimo direito de exercer a profissão de médico em qualquer recanto do Brasil, inclusive em Blumenau se assim o resolvesse, mesmo que, então, isto não fosse do agrado de uns e outros daqui.

Felizmente nestes 50 anos muita coisa mudou para melhor, como não podia deixar de acontecer, mais cedo ou mais tarde. É particularmente confortadora para mim a realidade médica e hospitalar de hoje, comparada com as condições de então e, qualquer lamentação de minha parte por ter nascido em 1906 e ter-me formado já em 1929, no mínimo seria ridícula. Cada um tem que viver sua época. Assim o fizeram nossos ancestrais e assim o farão os que nos sucederem. Evidentemente não tem sentido fazer comparações desairosas entre o ontem e o hoje. Cada período tem para com os seus contemporâneos os seus aspectos positivos e negativos. Não só o antigamente teve sombras, - o presente, ao lado de todos os seus prateados progressos também as tem e no futuro também as haverá.

Alguns dias depois desses acontecimentos encontrei-me com o Padre Gabriel Zimmer, um conhecido e dinâmico semeador de capelas, igrejas e entidades assistenciais em todo o vale do Itajaí. Disse-me que também

soubera do que me sucedera e que, no hospital S. Isabel, a atitude unilateral do Dr. Capelle gerara desentendimentos e atritos com as irmãs. Revelou-me ainda que ele desejava um médico para a localidade de Ituporanga, onde ele pretendia construir também um pequeno hospital. A seu convite acompanhei-o poucos dias mais tarde para conhecer o lugar, por sinal, de natureza encantadora, não obstante sua ambiência bucólica. Passei a noite na única estalagem de lá e fui acordado, muito cedo ainda, com os lancinantes gritos de agonia dos porcos que estavam sendo abatidos “na marra”, pelos primitivos métodos, sem dó nem piedade, no matadouro da firma Emílio Odebrecht que ficava logo ao lado de meu quarto (paredes de madeira!), secundados pelos cantares de inúmeros galos da vizinhança. Claro que não era mais possível continuar a dormir; levantei-me e fui participar do reforçado café colonial. Lá pelas 6h 30min fui até a casa paroquial à procura do padre Gabriel e, enquanto estava sendo atrelado o garboso cavalo à sua “aranha”, ele fez questão que eu provasse o seu bom vinho tinto, feito na região. O vinho era bom mesmo, mas tomado àquela hora “de la matina”, para quem não está acostumado, não deixou de fazer seu efeito correspondente, deixando-me um tanto quanto aéreo. Tudo pronto, lá fui eu, mais ou menos em órbita, com o meu guia no elegante veículo de 2 rodas, conhecer as paisagens vizinhas.

Embora tudo não fosse bem 100% o que se podia desejar depois de seis anos de Rio de Janeiro? Eu tinha de começar a trabalhar em algum lugar e o quanto antes. Faltaram-me os meios para fazer um conveniente estágio prático, e pós-graduação. Contudo reservei-me alguns dias para tomar uma decisão.

Eis quando recebi um chamado do Rio de Janeiro para me apresentar ao Sr. Ministro da Viação que era o nosso conterrâneo Dr. Victor Konder, o qual daqui de Blumenau, onde fora Presidente da Câmara de Vereadores e recém convidado para ser o Secretário do Estado, no Governo do Sr. Hercílio Luz, acabou sendo levado pelo então Presidente da República eleito, Sr. Washington Luiz Pereira de Souza, a fim de assumir aquele Ministério no quadriênio 15 Novembro 1926 – 1930.

O Sr. Ministro, depois de ouvir os meus relatos e planos, achou por bem que antes de me confinar em algum lugar aí no interior, eu deveria espairar um pouco depois desses 6 anos de intensos estudos e trabalhos do curso médico. Para tanto ele me ofereceu uma nomeação interina de Inspetor Sanitário Marítimo, com funções de médico, a bordo de um dos navios

do Loyd Brasileiro, linha Europa, proporcionando-me uma esplêndida oportunidade para alargar os meus horizontes de maneira sumamente agradável e útil.

Foi sem dúvida uma espécie de sorte grande de loteria e, em março de 1930, devidamente uniformizado e feliz da vida, embarquei no navio “Raul Soares”, um misto de carga e de passageiros, rumo à Europa.

Por precaução, pedi a um colega já calejado no serviço de bordo algumas orientações sobre as ocorrências mais comuns em tais viagens, ao que ele prontamente me respondeu que eu poderia ir tranquilo e espalmado a mão na altura do apêndice xifóide esternal, doutrinou com humor que mais de 90% dos casos eu poderia resolver assim: “Daqui para cima, ácido acetil-salicílico, e daqui para baixo um purgativo, - sendo de preferência, óleo de rícino!” E repetindo acentuou: não esqueça, é ácido acetil-salicílico mesmo; em salvaguarda de nossa dignidade profissional não fale em aspirina! Os eventuais “encencomas” - muito raros -, costumavam ser desembarcados no próximo porto e encaminhados a algum hospital. A verdade é que a medicina de bordo era realmente muito restrita, graças a Deus!

Quanto àquele “Tratado de Terapêutica” ultra simplificado, frequentemente me lembro dele agora na minha velhice, quando vou chegando cada vez mais perto de adotá-lo, pelo menos em causa própria, em reconhecimento à inexorável aproximação do fim de todo os vivos, com ou apesar da medicina.

Afinal chegou o dia da partida e escalando Vitória, S. Salvador, Recife e alguns portos de Portugal, Espanha, França, Bélgica e Holanda, devagar e sempre, aportamos enfim Hamburgo, final de nossa linha, ao cabo de um mês de viagem. Durante o percurso houve avarias no navio, já bastante avançado em idade, pelo que ele teve que entrar no estaleiro, lá mesmo em Hamburgo. Resultado: tal qual em reformas de uma casa velha, dia a dia foram aparecendo novos estragos a exigirem urgentes e inadiáveis consertos e, nós, da tripulação, ficando com ele.

A propósito eu quero intercalar aqui que agora, já em pleno curso de minha década dos 70, eu acredito cada vez mais que com os seres vivos, aquela constatação da casa velha não seja muito diferente. A gente envelhece globalmente, embora um pouco mais cedo ou mais acentuadamente aqui do que acolá; neste ou naquele órgão, aparelho ou sistema, com seqüências ou, localizações variáveis de pessoa para pessoa. Estou convicto de que também no velho, quanto mais se pesquisa, mais se encontra e menos se re-

solve. Por isto, perdoem-me os abalizados especialistas de hoje se eu estou sendo um tanto ou quanto herético em relação aos modernos conceitos da medicina geriátrica, confessando que pessoalmente tenho me privado das repetidas idas para os estaleiros de check-up recomendados. Já vi tanta gente detentora de check-ups recentes ultra-normais, falecerem de repente, com menos idade do que eu. Já vi tantas e tão lindas teorias, aparentemente inabaláveis, serem derrubadas por novos conceitos, às vezes diametralmente opostos, bem como pomposas e sólidas estatísticas serem relegadas por outras, baseadas em premissas diferentes em relação aos mesmos problemas e com resultados também diferentes que, na dúvida que tais contradições forçosamente me suscitaram, atualmente estou preferindo deixar-me levar mais por conta dos caprichos genéticos, até onde der. Obviamente dentro do indispensável pressuposto, de uma vida equilibrada e sem ostensivos ou costumeiros abusos. Não há dúvida que o mais perfeito “Rolls-Royce” estourara prematuramente se for solicitado abusivamente. Assim sendo, entre a escolha de viver um pouco menos e continuar a viver como se gosta, dentro do possível e do razoável, a ser obrigado a viver contrariado e na hipótese de viver um pouco mais, eu estou ficando com a primeira alternativa.

Voltando novamente ao nosso navio-lar no estaleiro de Hamburgo, esse, em consequência das muitas avarias adicionais encontradas, ao invés de uma estadia de início prevista para 10 a 15 dias, acabou ficando quatro meses naquele grande porto, o que, diga-se a bem da verdade, ninguém de nós, tripulantes, lamentou.

Além das inúmeras amenidades que a cidade oferecia, dia e noite, eu ainda consegui licença para estagiar como voluntário, em um grande hospital de lá, tendo podido participar até do almoço oferecido aos médicos internos. Este flagrante contraste com o que me havia acontecido no meu torrão natal, naturalmente se constituiu para mim em uma grata e agradável surpresa. Evidentemente aquele estágio me foi sumamente útil. A ciência médica alemã era líder em todo o mundo, só cedendo esta primazia aos USA, gradativamente, daí em diante. É que a política racista do nazismo, cada vez mais dominante, afugentou muitos milhares de cientistas exponenciais, inclusive médicos, os quais foram recebidos de braços abertos por outras nações, principalmente pelos USA.

Devidamente liberados para a viagem de retorno, em 02 de outubro daquele mesmo ano de 1930 chegamos de volta ao Rio de Janeiro, exatamente na véspera do término da revolução vitoriosa, da qual, aliás, nada

soubemos lá na Europa. A conseqüente queda do Governo Washington Luiz, obviamente resultou para mim o fim de minha aventura marítima profissional e turística, o que sinceramente muito lamentei porque eu já me habituara tanto àquela doce e despreocupada existência que estava até mesmo aspirando continuá-la. Todavia estava escrito que não seria esse o meu destino e resignei-me humildemente.

Permaneci ainda algum tempo no Rio, fazendo um curso prático de obstetrícia na Maternidade de Laranjeiras, com vistas à minha provável ida para o interior do Estado.

Novamente aqui em Blumenau, o Padre Gabriel me revelou que por contratempos imprevistos havidos lá em Ituporanga, o hospital não fora adiante e, eu estava outra vez na estaca zero.

Então, num ato de audácia e determinação, apesar de continuarem fechadas para mim as portas dos 2 principais hospitais da cidade, resolvi abrir um modesto consultório aqui mesmo em Blumenau, ali na rua Floriano Peixoto, entre as ruas 7 de setembro e 15 de novembro, pelo que, patrioticamente pelo menos, pude sentir-me bem amparado.

Ao idoso e adoentado médico, do pequeno e velho Hospital Municipal, ficou cada vez mais difícil atender aos doentes que ao mesmo recorriam, - quase todos indigentes -, encaminhados pela Prefeitura. E lá ia eu cada vez mais freqüentemente para substituí-lo, para afinal, com a morte do bondoso colega, assumir definitivamente aquele encargo.

No consultório, a malária que então grassava em todo o litoral, as moléstias venéreas e as da pele, desde logo me garantiram trabalho e subsistência. Quanto às doenças venéreas, pitorescamente, havia mais confiança em mim como médico brasileiro do que nos alemães, na difundida e estranha suposição local, errônea por sinal, como eu próprio pude verificar nos hospitais de lá, de que “na Alemanha, país muito adiantado, certamente não havia mais disso!” A propósito do tratamento dessas moléstias naquela época, é necessário lembrar que ainda não havia os antibióticos e bactericidas de hoje e nem sequer as primitivas sulfas, estas só descobertas em 1935. As aparelhagens, métodos de tratamento e medicamentos então empregados são hoje em dia genuínas peças de museu.

Para exames sorológicos ainda não havia possibilidades locais e as amostras de sangue para tal fim costumava-se mandar para S. Paulo.

Para o tratamento da malária o quinino era a única arma eficiente. Lembro-me de ter obtido gratificantes sucessos contra essa doença, com

uma famosa fórmula trazida da Faculdade, contendo cloridrato de quinino, arrenal e, azul de metileno, sob forma de pílulas, manipuladas nas farmácias, alias, como quase todos os medicamentos de então, pois, a indústria farmacêutica ainda era incipiente. Quanto à ação antipalúdica daquele azul de metileno, até hoje tenho as minhas duvidas, mas, estou convencido que ao menos psicologicamente, pela intensa coloração conseqüente da urina, impressionava e animava bastante.

Estávamos então em 1931, e em fins de agosto o dr. Alfredo Hoess, que já há mais de 10 anos exercia a profissão em Vila Itoupava, foi convidado pelas irmãs do Hospital S. Isabel para substituir o dr. Capelle, o qual, em vista das crescentes incompatibilidades com a direção do hospital, resolvera regressar, de vez, para a Alemanha.

Eu já estranhara quando cerca de três meses antes disso, aquele mesmo Dr. Capelle que um ano e meio antes tinha me negado acolhida, veio pessoalmente procurar-me e solicitar que o substituísse por uns 15 dias, pois, necessitava viajar com urgência para o Rio a fim de resolver assuntos particulares. Por motivos idênticos, no ano seguinte, 1932, o Dr. Richter, então médico do hospital S. Catarina, veio procurar-me para os mesmos fins. Tudo, já agora, em concordância com as respectivas diretorias hospitalares, com diretrizes em transição salutar. Esses fatos se constituíram para mim numa grata afirmação, desagravo e reconhecimento da medicina brasileira, embora não esquecendo que naquela época eu era o único médico disponível na cidade para tais eventualidades.

Ademais havia a intransigência religiosa, de parte a parte, a intervir. Tanto assim, que o povo em geral, sutilmente inculcado pelos respectivos párocos e líderes civis, quando se referia aos hospitais, correntemente falava apenas em hospital católico ou hospital protestante ou evangélico, fato este que também impedia que os dois respectivos médicos se auxiliassem em casos tais.

Esta soma de contingências certamente influíram também nas mudanças que aos poucos daí em diante se realizariam, tornando cada vez mais liberalizantes os relacionamentos entre os hospitais e os médicos da cidade, que paulatinamente também iam aumentando em número, com a chegada de novos médicos brasileiros a se fixarem aqui. As diretorias dos 2 hospitais particulares foram reconhecendo gradativamente que ficar na dependência de um só médico não deixava de ter os seus sérios inconvenientes. Além disso tudo, a nova legislação brasileira, em defesa da classe médica nacio-

nal, não permitia mais o livre exercício da profissão por médicos estrangeiros, exigindo-lhes para tanto uma série de entraves no intento do reconhecimento de seus diplomas.

Felizmente houve uma evolução favorável mais rápida do que se podia esperar. O bom senso ecumênico acabou se impondo; as resistências mais empedernidas foram-se desmantelando e as arestas remanescentes amainadas, em benefício mútuo e geral. Assim, já em 1937-38, o Dr. Paulo Mayerle pôde trabalhar como segundo médico no Hospital Santa Catarina juntamente com seu novo titular, Dr. Antonio Hafner que antes estivera radicado em Joinville, já há anos.

Pouco tempo depois de ter assumido seu novo encargo, o Dr. Hoess, espontaneamente me convidou para assistir e, mais tarde, para ajudar na cirurgia a fim de, eventualmente, ser incorporado em definitivo no hospital como assistente e substituto temporário ocasional. Devo esclarecer aqui a função de médico desses 2 hospitais, que naquele tempo ainda exigia obrigatoriamente o domínio da cirurgia geral além da clínica médica, também geral. Havia poucos médicos e a medicina ainda não era tão evoluída e, muito menos, tão especializada como hoje em dia. O clínico geral, como o próprio termo indica, tinha de saber pelo menos um pouco de muito, ao invés de muito de pouco, - exigido dos especialistas de hoje. Era a época da imprescindível polivalência médica, hoje ultrapassada, tal qual a do futebol do técnico Coutinho.

Eu aceitei prazerosamente o convite do Dr. Hoess e desde fins de 1931 e durante vários anos freqüentei o hospital, embora apenas na sala de operações, nas primeiras horas da manhã, quando sempre era feita a cirurgia, salvo as de urgência, às quais raramente pude assistir em virtude de meus compromissos de consultório e outros. Porém, eu tive de reconhecer afinal, minha total inaptidão para a cirurgia e apesar de toda a boa vontade do Dr. Hoess, desisti do intento. Minhas deficiências se justificaram, sobretudo, pela infeliz perda da visão de meu OE, em decorrência de um fatal descolamento da retina, para o que ainda não havia ainda nenhum recurso naquele tempo. Isto me privou da capacidade de visão de profundidade e de relevo, causando minha complete insegurança nos pinçamentos delicados, nas incisões e suturas precisas e até nas ligaduras. E como naquela primeira metade da década de 30 o hospital ainda não dispunha de lugar suficiente para mais um consultório para quem fosse apenas clínico geral, como eu, afastei-me e continuei no meu consultório da cidade, como até então, pros-

seguindo também no atendimento dos indigentes no Hospital Municipal, que apesar dos pesares, ainda prestava bons serviços aos pobres que sempre houve em grande número, vindos também dos municípios vizinhos.

Contudo minha colaboração com o Dr. Hoess não terminou desde logo com minha desistência da cirurgia. A pedido dele eu ia semanalmente até seu consultório, no hospital a fim de preencher guias de acidentados, laudos periciais, atestados, etc. Ele não gostava de escrever. Também me foi permitido continuar o tratamento de meus clientes que necessitassem de internamento. A regra era a de que o doente, uma vez internado, passava automaticamente aos cuidados do médico do hospital. Aliás, mesmo com aquela regalia, eu acabei continuando com a antiga prática em vista dos transtornos e desperdício de tempo que as obrigatórias visitas diárias não compensavam, em se tratando de 1 ou 2 doentes internados, em média. Desse modo continuei voluntariamente no meu antigo papel, embora em pequena escala, de fornecedor de um ou outro doente extra ao hospital.

Na época de Natal até meados de janeiro, o Dr. Hoess costumava passar suas únicas férias anuais em sua propriedade de Vila Itoupava, quando eu sempre era solicitado para substituí-lo, dentro das minhas possibilidades, está claro. Os casos de cirurgia de urgência, de comum acordo eram encaminhados ao Dr. Hafner que em 1936 assumiu o Hospital S. Catarina e do qual o Dr. Hoess era amigo e conterrâneo. Ambos eram austríacos e muito mais acessíveis do que seus antecessores alemães.

Minha colaboração direta com o Dr. Hoess terminou em fins de 39 com a volta do Dr. Mayerle, depois de uma prolongada estada na Europa, o qual, em Janeiro de 1940 assumiu suas novas funções de médico-assistente interno no Hospital S. Isabel, onde até hoje continua sua brilhante carreira. No Hospital S. Catarina substituiu-o o Dr. Armando Odebrecht.

Em parênteses, antecipando-me na seqüência cronológica destas pequenas memórias, quero ressaltar que anos mais tarde, quando já era diretor do Hospital S. Isabel, o Dr. Mayerle espontaneamente me convidou para participar da equipe medica do mesmo, a ser ampliada. Isto muito me desvaneceu mas, já então, não me foi possível aceitar, infelizmente, porque eu já estava demasiadamente enraizado e bitolado, naquela altura, no Centro de Saúde e engajado como professor concursado no Colégio Normal Pedro II, cargos cujas prerrogativas para aposentadoria no futuro já não muito distante me seria prejudicial e penoso abandonar naquela altura. Além disso, meu problema visual era a "espada de Dâmocles" que ameaçava interromper

minha atividade profissional, sem aviso prévio, como de fato aconteceu, anos mais tarde. Nessas condições e com 50 anos de idade, mais ou menos, preferi continuar o rumo estabelecido.

Retrocedendo novamente na minha história, quero ainda revelar que logo depois de começar a clinicar aqui, eu também fui nomeado pelo Governo do Estado, eu era então o único médico brasileiro da cidade -, para o cargo honorário de Delegado de Higiene, cujas funções se resumiam quase que exclusivamente nas vacinações anti-variólicas e no fornecimento dos respectivos certificados oficiais. Este cargo, sem remuneração direta, por vários anos também me deu a regalia de usar uma chapa branca, oficial, no meu carro particular, com a sigla "D.H.". A nota curiosa e hilariante desse detalhe constituiu-se em que aquele D.H. foi logo jocosamente traduzido para o idioma alemão, então ainda dominante nesta região, como "Dummer Hund.! significando literalmente "cachorro burro". Em alemão não fazia por menos - além do carinhoso qualificativo de imbecil, ainda se reduzia o cidadão, substancialmente, na escala zoológica. Ostentei esportivamente o nobre título que, com a abolição da regalia da chapa, alguns anos depois, não tardou a cair em esquecimento e com ela, a popularidade de meu automóvel.

Todavia não foi esse carro o primeiro veículo que eu adquiri para minhas locomoções mais rápidas e desenvoltas na cidade, mas sim, uma bicicleta. Progredindo, adquiri em substituição desta, uma motoneta "Sachs", importada (ainda não eram fabricadas no Brasil), pois "ninguém era de ferro", já naquele tempo. Só alguns anos mais tarde me foi possível aquele automóvel e assim mesmo, de segunda mão "bem conservado, reconcondicionado, etc. e tal", como ainda hoje em dia! É que de acordo com as normas e a tradição vigentes na época, as primeiras economias de um candidato ao casamento eram empregadas religiosamente na aquisição de um terreno para nele ser construído o futuro lar. O refrão "quem casa quer casa" era ainda tomado ao pé da letra, exatamente ao contrário de hoje em dia, quando os jovens pensam primeiro no "carrão", muito depois num terreno e lá para o fim, numa casa própria. Sinais dos tempos!

Mandei construir minha residência em 1933, financiada por uma firma de Porto Alegre, então estabelecida com uma filial aqui, chamada "Auxiliadora Predial" e o empréstimo em questão eu acabei de amortizar por prestações mensais, cerca de 9 anos depois, com um acréscimo total de juros de apenas 10% por todo o período, o que para as condições atuais pode

ser rotulado de espantoso, mas que se explica porque ainda não campeava a inflação.

Pronta e mobiliada a casa, em novembro de 1933 (em cujos aposentos térreos instalei meu novo consultório), casei e lá, minha mulher e eu continuamos a morar até hoje, portanto, há 46 anos.

E o tempo correu sem maiores novidades na minha carreira médica até princípios de 1937, quando fui procurado por um médico do "Serviço Nacional de Febre Amarela" de então e incumbido de colher amostras de fígado dos falecidos de uma determinada sintomatologia, as quais eram remetidas ao Rio de Janeiro, em embalagens adequadas, para exames anátomo-patológicos de controle da moléstia. A colheita era feita por meio de um aparelho especial, de aço inoxidável, uns 20 cm de comprimento, oco, com aproximadamente 1 cm. quadrado de seção transversal, sendo uma das faces móvel e manejável a partir do cabo, o que permitia abrir e fechar a abertura inferior, de acordo com a necessidade do manejo. A face posterior a essa lâmina era fixa e um pouco mais comprida-embaixo e terminava numa ponta cortante. Com um golpe forte perfurava-se a parede abdominal do cadáver, no lugar adequado e, uma vez introduzido o suficiente o aparelho, abria-se a abertura inferior, puxando-se aquela lâmina móvel até uma certa marca; empurrava-se fígado adentro; fechava-se novamente a abertura inferior, com o que era cortado o fragmento desejado de fígado, sem maiores dificuldades ou dilacerações da parede externa do abdômen do cadáver.

Quase um ano depois, em princípios de 1938, recebi um telegrama urgente do Rio, comunicando que um certo caso X, oriundo de Massaranduba era positivo e que a equipe viria imediatamente. Depois deste primeiro caso, muitos outros sucederam, com numerosas mortes pela moléstia que chegou até as portas da cidade, do lado de lá da ponte do Salto.

Era a chamada "febre amarela silvestre", transmitida por mosquito do gênero "Haemagogus", cujo habitat normal são as matas. Este surto vinha sendo observado de perto em sua funesta caminhada desde a Colômbia, passando pela Amazônia e atravessando os estados de Mato Grosso, São Paulo e Paraná, veio terminar aqui em S. Catarina, matando no seu roteiro inúmeros macacos e ceifando numerosas vidas humanas, especialmente lavradores que trabalhavam nas proximidades das matas.

O alarme causou intensas apreensões, entre a população de toda a região e muito trabalho e preocupação para nós médicos da cidade. A equipe do Serviço de Febre Amarela chegou logo, trazendo aparelhagem com-

pleta, inclusive um biotério ambulante (camundongos brancos) para o controle permanente de todos os lotes de vacina que vinham liofilizadas e acondicionadas em gelo. Eram preparadas na hora e, uma vez diluídas, tinham de ser aplicadas no mesmo dia, pois, apenas se conservavam ativas umas tantas horas.

Para amainar o pânico que se apoderara da população foi iniciada imediatamente a vacinação em massa. O Dr. Mayerle e eu nos oferecemos voluntariamente para ajudar, e fomos encarregados da aplicação das vacinas. Trabalhamos de manhã até a noite adentro; primeiro em Blumenau e depois nas comunidades vizinhas: Fortaleza, Gaspar, Vila Itoupava, Indaial, Timbó e Rodeio, onde permanecíamos o dia inteiro, recebendo sempre um lauto almoço, estilo colonial.

Felizmente o êxito foi total e o surto extinto dentro de poucas semanas. Imunizamos mais de 30.000 pessoas em cerca de 15 dias. As Prefeituras forneciam a locomoção da equipe - automóveis ou peruas -, sendo que certa vez, por falta de lugar o Dr. Mayerle e eu viajamos de Fortaleza até Gaspar, do lado de lá do rio, na "aranha" que o Prefeito Schramm, de Gaspar, nos colocou à disposição. Foi uma ultra-divertida odisséia, durante a qual, gargalhamos do princípio ao fim, por várias peripécias. Nenhum de nós dois jamais tinha manejado um tal veículo. A mula, forte e bem tratada, pelo jeito conhecia bem o caminho e desandou a correr, brindando-nos com seus trejeitos intercalados com sonoras descargas gasosas e sólidas, em pleno galope. Durante o percurso ainda começou a chover, e para abrigar-nos lançamos mão do vasto poncho que o Prefeito nos pedira para levar. Tivemos ainda que atravessar o rio, de balsa, mas felizmente chegamos sãos e salvos ao nosso destino.

A colheita de amostras de fígado de mortos suspeitos, teve de ser continuada ainda por alguns anos e a respeito lembro-me de um episódio bastante cômico: Um auxiliar de enfermagem que então fora encarregado de fazer as punções, num certo dia, ainda um tanto perturbado, veio devolver a aparelhagem e pedir irrevogavelmente a dispensa do encargo, embora remunerado pelo serviço. Relatou que no crepúsculo do dia anterior, fora ao necrotério do Hospital S. Catarina fazer uma colheita e enquanto se preparava, não sabe porque, mirou detidamente aquele semblante descorado, jovem ainda, abandonado, sem ninguém a velar. Feita a colheita, ao sair, ainda absorto com a imagem do morto, deparou-se, sem mais nem menos, com o vulto do cadáver, em pé, em sua frente. Disse que queria correr, mas não

conseguiu mover-se do lugar! Com o boa-noite do vulto e passado o tremendo choque, esclareceu-se que se tratava do irmão gêmeo do falecido que acabara de chegar naquele exato momento. Foi necessário arranjar um novo elemento para o encargo!

Na manhã do dia 27 de dezembro desse mesmo ano de 1938, quando eu estava mais uma vez substituindo o Dr. Hoess nas suas costumeiras férias, tive de levar comigo a minha mulher que entrara em trabalho de parto e lá pelas 5 horas da tarde nascia o Jan, dentro do figurino, - tudo normal, sem problemas, graças a Deus. E com minha promoção a pai, naturalmente se iniciaram as novas responsabilidades.

Já contei que na primeira metade da década de 30, eu era o médico mais jovem da cidade, o único brasileiro e também o Delegado de Higiene do Estado (o tal "Dummer Hund"). Aliás, eu fui o segundo blumenauense a fazer o curso completo de Medicina no Brasil (Rio). O primeiro foi o Dr. Gustavo Abry, que se formou em 1920, também no Rio, mas não clinicou aqui. Ele radicou-se na cidade de Santos Dumont - MG, onde faleceu em 1973, deixando a esposa e seis filhos, sem nunca mais ter voltado a Blumenau.

Bem, com aquelas qualidades acima expostas, eu era constantemente solicitado, pelo Juiz de Direito e pelos Delegados de Polícia para acompanhar diligências, fazendo as vezes de médico-legista, fazer os exames de corpo de delito, os laudos mais diversos, etc., etc., tudo naturalmente sem nenhuma remuneração! Coisas de "Dummer Hund" mesmo!

Por ser o médico mais jovem e disponível, foram-se tornando sempre mais freqüentes também os chamados a domicílio fora da cidade, pois os doentes do perímetro urbano, em casos de urgência, eram levados na maioria dos casos, diretamente para um dos hospitais.

Veze sem conta eu fui buscado em altas horas da noite, de automóvel ou de carro de mola e até mesmo de carroça; não raro já acompanhado do padre levando o sacramento de extrema unção. Em tais atendimentos levava-se freqüentemente várias horas até chegar de volta em casa, às vezes, em troca de um acabrunhado "Deus lhe pague doutor", em virtude da, não rara, extrema pobreza. Contudo, especialmente quando o padre também estava presente, acontecia recebermos para a longa volta, um café reforçado. Em resumo, trabalhava-se muito, ganhava-se pouco e, lá uma vez ou outra era até divertido!

De qualquer maneira, posso lhes garantir que fazer exames médicos e atendimentos de urgência sob a luz de uma lamparina de querosene pode ser muito idílico e comovente em novelas sentimentais mas, no "batente" do médico, há 50 anos, eram atividades extravagantes e nada alentadoras.

Nesses atendimentos externos na rua e a domicílio, valeu-me de modo positivo o aprendizado no estágio que fiz como auxiliar acadêmico do Hospital do Pronto Socorro, hoje "Sousa Aguiar", no Rio de Janeiro, durante meus 2 últimos anos de Faculdade, onde trabalhei durante um ano nos ambulatórios e nos atendimentos externos, de rua (os chamados a domicílio eram atendidos pelos médicos efetivos, que às vezes, a gente podia acompanhar), e no último ano, já doutorando, trabalhava-se no serviço hospitalar interno. Semanalmente fazíamos um total de 24 horas de plantão, em 4 etapas, sendo um determinado dia das 8 às 12 horas da manhã; um outro das 12 às 16 da tarde; um terceiro dia das 16 às 20 da noite e um pernoite completo, das 20 até às 8 hs do dia seguinte. Era simplesmente incrível o número e a diversidade dos casos que lá apareciam, já naquele tempo. Lembro-me que o pernoite de nossa equipe era o das terças-feiras, e o trabalho no carnaval pode-se imaginar facilmente!

Não posso me furtar de contar 3 casos que se me sucederam naquelas funções, os quais, pelo inusitado se gravaram mais profundamente na memória ou se fazem agora mais avivados em consequência dos naturais fenômenos de involução senil. Seja como for, ei-los:

1. Num certo plantão no ambulatório, apareceu uma senhora jovem e bastante gorda, costureira de profissão, que ao sentar-se numa cadeira, espetara uma agulha na nádega. Eu era novo no Serviço e o médico chefe do plantão encarregou-me da extração, deixando-me sozinho para a tarefa, com uma auxiliar. Com a maior inocência, lancei mãos à obra. Uma anestesia local, uma incisão corajosa naquele abundante tecido adiposo e, ao estancar o primeiro sangue para melhor visibilidade, aconteceu o milagre. Junto com o chumaço de gaze, veio o pedaço de agulha que, depois da sutura final, levei triunfalmente ao chefe. Este me encarou com um olhar incrédulo e perscrutador, meio intrigado, dizendo afinal que eu estava blefando e invertendo a gozação que ele me queria pregar. Diante de minha perplexidade e só depois de certificar-se da verdade, ele me explicou que enorme sorte eu tivera e quão difícil costumava ser o encontro de tais pedaços de agulha quebrada nos tecidos moles. Foi aí que eu comecei a suar frio e ao

mesmo tempo ficar aliviado. Note-se que eu era um neófito no trabalho e que naquele tempo ainda não se dispunha dos refinados recursos de hoje. Era como procurar no escuro agulha no palheiro.

Aquela senhora, se ainda estiver viva e ao se lembrar do fato, até hoje deve estar dizendo: “Aquele sim que era um doutorzinho craque para extrair pedaço de agulha do corpo da gente!” Pois sim, se ela soubesse!

2. Numa outra oportunidade eu tive de atender a um chamado em plena gare da Estrada de Ferro Central do Brasil. Nesses chamados de rua, nós acadêmicos íamos sempre acompanhados de um enfermeiro, escolhido entre antigos e experimentados servidores que eram para nós verdadeiros anjos-da-guarda e mestres práticos. Quando a gente ficava indeciso, apelava-se discretamente e lá vinha aquele disfarçado sussurro no ouvido com o palpite providencial e agradecido. Voltando ao caso da Estação D. Pedro II, uma vez chegados a gare, cheia de gente como sempre, verifiquei estarrecido tratar-se de uma gestante, deitada no chão de cimento, em avançado trabalho de parto. Nem sequer houve mais tempo para carregá-la até a ambulância. Tive de agir ali mesmo, mas o que mais profundamente me impressionou na ocasião foi a espontânea solidariedade humana que nunca falha em casos de infortúnio. Um dos numerosos curiosos, que sempre aparecem em tais casos, cientificado pelo enfermeiro de que se tratava, imediatamente tomou o comando, fez todo mundo se virar de costas para o centro dos acontecimentos e, formando uma muralha viva em torno de nós, impediu a aproximação de outros, até terminado o meu serviço. Felizmente a criança nasceu normalmente, sem esforço e sem problema nenhum para mim. A parturiente era daquelas felizardas que literalmente perdem a criança no meio da rua, sem um ai sequer. Colocados na maca, mãe e filho, lá fomos nós, entre alas, para a ambulância a fim de levá-los a um destino adequado.

3. Em um terceiro caso eu confesso que tive medo de verdade. Era num pernoite e minha vez para atendimento externo, e o chamado dizia que havia vários feridos em consequência de um conflito com armas de fogo, em uma rua do baixo meretrício na zona do mangue. Até aí nada demais. Porém, ao chegarmos ao local, constatamos que ainda estava em pleno andamento uma verdadeira pequena batalha entre policiais e fuzileiros navais, arqui-inimigos, pelo menos ainda naquela época. Com balas zunindo, as quais sabidamente não têm endereço, bancar o valente e bom samaritano não é lá situação muito confortável ou divertida! Tivemos de requerer a vinda de mais ambulâncias. Um fuzileiro baleado no abdômen e caído na rua,

ainda mantinha o dedo no gatilho de seu revólver, teimando em não entrar na ambulância. Só depois de eu lhe garantir que nesse carro não iríamos levar nenhum policial ferido, ele concordou em ser levado e, confiando-me a guarda de sua arma, lá fomos nós. De volta ao Hospital, ao entrar na sala dos médicos para registrar a ocorrência no livro competente, conforme o regulamento, ainda com a arma do fuzileiro em punho, foi aquele correr-corre. E antes que eu pudesse esclarecer, a sala estava vazia. Eu imagino até hoje que naquela altura eu devia estar ainda com uma fisionomia meio para lá de bandido de banguê-banguê em órbita. E só depois que eu depusitei o revólver numa prateleira, bem lá no alto, o sossego voltou ao ambiente e eu pude relatar minha aventura.

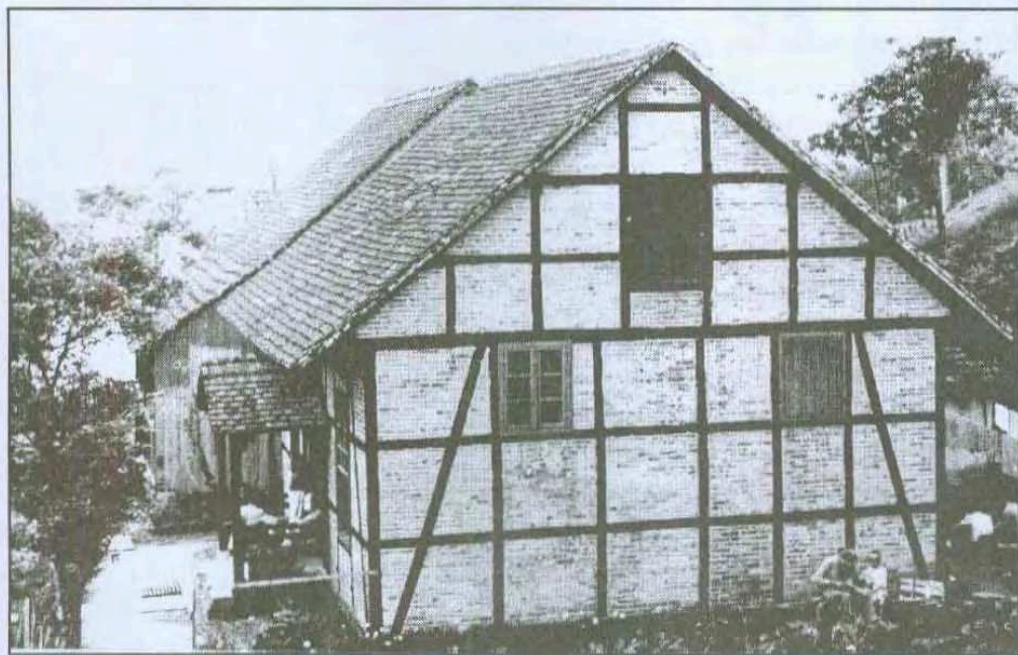
Depois destas divagações pelo último período de minha vida acadêmica lá no Rio, volto a recordar minha vida médica e paramédica aqui em Blumenau.

Estávamos em 1939/40 e eu continuava a atender diariamente pela manhã no Hospital Municipal, onde mais ou menos 20 leitos estavam sempre ocupados por indigentes. Alguns sentiam-se tão bem lá, apesar da precariedade de suas instalações, que usavam dos mais variados subterfúgios para esticar um pouco mais sua estada e assim poder usufruir por mais alguns dias aquele “oásis de felicidade”. Imagine-se em que condições tais criaturas viviam em casa!

Do que me arrependi foi não ter escrito um diário dos inúmeros acontecimentos que ali se desenrolaram, desde os trágicos aos mais hilariantes.

O prédio daquele antigo hospital, em que trabalhei quase 10 anos, foi construído entre 1874 e 1876 na atual rua Itajaí, em substituição a um anterior, de madeira, o primeiro de Blumenau e que, de tão modesto que era, ruiu totalmente em 1874 mesmo, sob um forte temporal, segundo pesquisas feitas pelo Dr. Afonso Balsini e publicadas no Livro do Centenário de Blumenau em 1950. Ambos aqueles prédios foram construídos ainda pelo fundador da colônia, Dr. Hermann Otto Blumenau. Pela idade do prédio e sua deficiente conservação é fácil imaginar em que lamentável estado ele se encontrava em 1940. O telhado, em parte de zinco esburacado e em parte de telhas já apodrecidas, em dias de fortes chuvas apresentava tantas goteiras que o hospital mais parecia um único grande chuveiro. As abnegadas irmãs, em último recurso, chegaram a distribuir guarda-chuvas aos doentes a fim de não se molharem dentro de casa nos seus leitos. De conformidade com o

telhado estava o restante do prédio, portanto, totalmente indigno de continuar a merecer o nome de hospital, mesmo servindo somente a indigentes, que afinal não deixam de ser gente.



Construção enxaimel que abrigava o primeiro “Asilo de doentes mentais” e estava situada na Rua Itajaí, onde hoje está o Hospital Santo Antônio.

A cada novo prefeito que assumia, eu fazia questão de mostrar o deplorável estado em que se encontrava o hospital. E note-se que os prefeitos se sucediam com relativa frequência naquele tempo, pois desde a revolução de 30 até 1945, foram todos simplesmente nomeados e exonerados, com exceção de um único eleito em 1936 pelo Partido Integralista, mas que só pôde exercer o mandato até novembro de 1937, pois após a fracassada tentativa de derrubada do presidente Getúlio Vargas por esses mesmos “integralistas”, nesse mês, lá no Rio, houve o contra-golpe do Governo Federal, pelo qual foram extintos o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas Estaduais e as Câmaras Municipais, bem como destituídos os Governadores

e todos os Prefeitos Municipais do País, criando-se então o chamado “Estado Novo Brasileiro”.

Eu já estava certo e cada vez mais resignado de que o velho hospital estava irremediavelmente condenado a desaparecer dentro de breves dias, uma vez que nesse sentido havia opiniões favoráveis até de várias personalidades muito influentes da cidade. Meus insistentes pedidos por reformas substanciais e inadiáveis não tiveram guarida alguma.

Eis que o cargo de Prefeito estava mais uma vez vago em junho de 1941 e então eu recebi o surpreendente convite para a nomeação. Como não podia deixar de ser, minha primeira reação perante o emissário do Governo foi o de perplexidade e de peremptória negativa. Argumentei que antes de tudo eu era médico e não tinha motivos nem vontade alguma para sacrificar minha profissão única e definitiva por um cargo temporário que me era totalmente alheio, para o qual eu não tinha nenhuma qualificação e que absolutamente não me seduzia, pois, em toda minha vida nunca tivera o menor pendor para a política - como aliás, não tenho até hoje -, nem jamais tive interesse ou militância em qualquer credo ou cor partidária seja verde, vermelha, preta ou marrom. Meu ofício sempre foi a medicina e nada mais.

E no entanto, - estranha ironia -, acabei aceitando a incumbência por causa e em prol da medicina. Melhor explicando, única e exclusivamente por causa do Hospital Municipal que eu queria salvar da morte certa e muito próxima. Convenci-me de que somente na qualidade de médico e de prefeito, e agindo com rapidez, é que eu poderia realizar essa aspiração, para a qual eu não conseguira acolhida até então e certamente não a conseguiria posteriormente.

Ao apresentar-me ao Sr. Interventor Federal em Florianópolis, para onde eu fora chamado, expus esses meus desejos e condicionei-os ao aceite da missão na prefeitura por período o mais breve possível. Ele prontamente me autorizou a realizá-los, obtendo além disto ainda a promessa de o Estado construir o Centro de Saúde em Blumenau.

E foi assim, por um ideal médico, por um estabelecimento hospitalar geral público, em benefício condigno dos doentes indigentes e dos menos favorecidos que eu, na maior inocência e sem a menor suspeita do que me aguardava no cargo de Prefeito Municipal, dei, no meu entender, o passo mais ingrato de minha vida. Mas como eu disse “A”, também tive de dizer “B”, e fui em frente para o que desse e viesse.

Logo que tomei posse do cargo, mandei transferir os doentes, que deixei aos cuidados do Dr. Oswaldo Neves Espíndola, para um velho casarão ao lado, o qual em tempos idos tinha sido um salão de bailes públicos e cujo terreno eu acabei adquirindo para a Prefeitura para ampliação do exíguo espaço primitivo do antigo hospital. Feito isso, mandei demolir imediatamente o velho prédio, estribado num laudo pericial de uma comissão de 3 engenheiros especialmente designados para tal, os quais foram unânimes e categóricos em condená-lo, por não oferecer mais as mínimas condições de segurança.

Na minha ingenuidade e inexperiência de administração pública que eu ainda julgava semelhante à iniciativa privada, esperava poder iniciar sem mais demora a nova construção, uma vez concluídas as respectivas plantas, e feito isto, solicitar minha substituição no cargo de prefeito e voltar aos meus afazeres profissionais médicos e acompanhar de perto o crescimento do novo hospital, convicto de que uma obra desse gênero, uma vez em andamento, não poderia parar.

E foi aí que eu tive o primeiro desengano e muitos outros ainda viriam. Comecei a perceber como é grande a diferença entre a iniciativa particular e a administração pública. Jamais poderia imaginar que houvesse tantas dificuldades a vencer, tanta burocracia e tantos caminhos a percorrer, desde a elaboração da planta - que não foi permitido fosse feita em Blumenau - até a simples autorização para a obtenção dos meios iniciais a serem destinados a uma tal edificação.

É necessário lembrar que naquela época o regime político do País era o do "Estado Novo", implantado com o golpe de estado de novembro de 1937 a que já me referi, o qual mantinha centralizada na esfera da Presidência da República, praticamente toda a legislação, restando apenas uma reduzida autonomia aos Governos Estaduais e nenhuma às Prefeituras Municipais. Todos os processos administrativos municipais tinham de percorrer caminhos muito longos e demorados em Florianópolis e na Capital da República antes que pudessem ser postos em prática nos municípios.

Havia nas capitais estaduais um denominado "Departamento das Municipalidades" que fazia as vezes das Câmaras Municipais de todos os municípios do Estado e um "Departamento Administrativo" que substituiu as Assembléias Legislativas Estaduais. Todas as propostas de leis e decretos administrativos dos Prefeitos dependiam de exames prévios, da aprovação ou de alterações desses órgãos e do Sr. Interventor Federal, o novo nome

dado aos Governadores no "Estado Novo". Além disso e depois, um grande número de medidas legislativas ainda tinham de percorrer uma série de departamentos federais e ministérios, culminando com a aprovação final ou não do Sr. Presidente da República. É fácil imaginar que tais processos costumavam levar 2 a 3 anos ou mais, antes de poderem entrar em vigor nos municípios de origem. E quando isto afinal acontecia, os assuntos concernentes já podiam estar até desatualizados.

A todos essas agruras administrativas vieram somar-se facetas extras profundamente lastimáveis e execráveis mesmo, quando em 1942, em justo desagravo contra os criminosos torpedeamentos de navios mercantes nossos ao longo do litoral nordestino, que custaram a vida de numerosos inocentes, o Brasil foi envolvido na 2^a. Guerra Mundial contra a Alemanha nazista.

Embora eu seja um brasileiro nato, detentor de diploma universitário e reservista médico da Marinha de Guerra do Brasil, o que então prevalecia, infelizmente, para uma minoria fanática, radical e interesseira era minha descendência alemã, meu nome germânico, a cor dos meus olhos e a dos meus cabelos! Sucediavam-se os boatos maldizentes, as cartas caracteristicamente anônimas, repletas de calúnias, detrações e denúncias infundadas, justificando o refrão de – “tempo de guerra, mentira como terra” –, dirigidas não somente contra mim mas também contra outros funcionários graduados e contra titulares de ofícios de registros e de cartórios, que tinham nome alemão! Essas cartas anônimas eram sempre dirigidas ao Governo do Estado e sempre exigiam sumariamente nossa demissão e a nomeação imediata de cidadãos de outra descendência!

Felizmente não me faltaram amigos naqueles difíceis dias e os que mais de perto conheciam meu trabalho na Prefeitura, me hipotecaram sempre uma confortante solidariedade, repudiando aquelas torpezas.

Os verdadeiros objetivos dessas odiosas manifestações de rancor gratuito e maldoso, de inveja e despeito eram demasiadamente transparentes e o Sr. Interventor Federal, Sr. Nereu Ramos, jamais se deixou influenciar por tão vis procedimentos. Pondo-me sempre ao par dos mesmos, alertava-me e sempre me estimulava para continuar firme no cumprimento de minha missão e nunca me deixou faltar seu enérgico e resolutivo apoio.

Em certos momentos de recolhimento íntimo, eu tinha a impressão de que fora guindado à força para o alto de um palanque aberto, em meio a uma conturbação social violenta e numa noite escura, com a luz de holofoto-

tes somente em cima de mim, eu servia de bode expiatório recebendo pedradas e impropérios da turba exaltada, oculta no escuro lá embaixo.

Mas como tudo o que começa tem o seu fim, também aqueles ingratos tempos tiveram o seu.

Voltando ao assunto da construção do novo hospital, os cerca de seis (6) meses em que eu esperava solucionar a questão, com as mil e uma intercorrências, acabaram-se estendendo por 2 1/2 anos. Contudo, com tenacidade e perseverança, afinal consegui realizar meu antigo sonho e, em 25 de novembro de 1943 foi lançada, festivamente, a pedra fundamental do prédio e as obras encetadas a todo vapor. Para esta solenidade e para a inauguração, neste mesmo dia, do primeiro Serviço de Abastecimento de Água da cidade, compareceu também o Sr. Interventor Federal, Nereu Ramos, acompanhado de numerosa comitiva.



Lançamento da pedra fundamental do Hospital Santo Antônio,
em 25 de novembro de 1943.

À esquerda, Dr. Afonso Rabe e à direita, Interventor Nereu Ramos.

A grande obra de abastecimento de água tratada em Blumenau, por uma coincidência foi executada integralmente durante minha administração. Eu assumi a Prefeitura em fins de junho de 1941 e os trabalhos da construção dessa obra foram começados em 24 de setembro de 1941. Porém, eu faço questão de assinalar por um dever de justiça que o mérito da iniciativa não foi meu, mas sim de meu antecessor na Prefeitura, o Sr. José Ferreira da Silva, que governou Blumenau de 10 janeiro 1938 até 14 de maio de 1941. Ele lutou por mais de 3 anos para consegui-lo, não por sua culpa, mas pelas razões político-administrativas da época que eu expus na página anterior. Ao deixar o cargo de Prefeito, o Sr. José F. da Silva pôde me entregar tudo pronto para iniciar a obra.

Seria uma ingratidão imperdoável de Blumenau, esquecer a vinculação desta realização com o Sr. Nereu Ramos, a quem, a meu ver, cabe o maior mérito na concretização da mesma. Sem a sua aprovação a iniciativa do Prefeito não teria andamento, ficaria engavetada ou simplesmente arquivada. Porém, o Sr. Nereu Ramos não só lhe deu todo o apoio, mas ainda se empenhou decisivamente junto ao Governo Federal e diretamente junto ao Sr. Presidente da República por sua aprovação mais rápida possível; deu o necessário aval do Governo do Estado para a obtenção do financiamento pela Caixa Econômica Federal, já que a Prefeitura não dispunha de suficientes recursos próprios para uma obra de tal vulto; providenciou os contratos de fornecimento da maquinaria e de todo o material restante para o lançamento da rede de distribuição e ainda contratou, pelo Estado, o engenheiro paulista especializado, Isaías de Melo, para dirigir os trabalhos.

Iniciada a construção do novo hospital, inaugurado o Serviço de Abastecimento de Água da cidade e amainada a tormenta local que a guerra fez deflagrar, em janeiro de 1944, a meu pedido, obtive do Sr. Interventor a exoneração do cargo de Prefeito. Fui nomeado médico do Departamento de Saúde do Estado, com a incumbência imediata de fazer o curso médico-sanitarista na Faculdade de Higiene de São Paulo, para futuras funções no Departamento de Saúde.

A volta aos bancos escolares por um ano inteiro e já com 38 anos de idade foi mais uma provação muito rigorosa e de grande responsabilidade para mim. Felizmente correu tudo sem trôpegos e em princípios de janeiro de 1945 voltei, com mais um diploma debaixo do braço.

Antes de novos engajamentos foram-me concedidas prolongadas férias, uma vez que o Centro de Saúde local ainda não estava pronto.

Aqui em Blumenau como eu previra, a construção do hospital foi continuada pela administração municipal que me sucedera, já agora sob a inestimável vigilância e permanente incentivo do Dr. Afonso Balsini, designado para aquelas funções e cujos esforços eu quero ressaltar, como um ato de reconhecimento e de justiça. Se eu fui o pai e o parteiro do novo hospital, o colega Afonso Balsini, recebendo a criança recém-nascida, foi sem dúvida, o meu competente e zeloso pediatra, fazendo-a crescer e desenvolver-se para se transformar em um organismo forte e prestativo, não obstante certas intercorrências imprevisíveis, como que doenças da primeira infância a atrapalharem aqui e acolá, mas sem nenhum prejuízo final duradouro.

Embora eu nunca mais tivesse tido uma relação profissional com o hospital, como antes, o qual em 1948 passou a chamar-se Hospital Santo Antônio, o que me conforta e satisfaz é que ele está lá, vivo e prestando bons serviços à população. Acho que um hospital, em qualquer parte do mundo, nunca é demais.

Só uma coisa não correspondeu aos meus desejos e isto eu lamento até hoje: - sua localização. Já naquele tempo, esta não me pareceu adequada, mas todos os meus empenhos junto às autoridades superiores foram em vão para me autorizarem a compra pela Prefeitura, de um magnífico e amplo terreno, quase plano e livre de enchentes, com insistência oferecido a Municipalidade por um preço excepcional, perfeitamente ao alcance dos cofres municipais, situado a rua São Paulo, onde hoje esta edificado o conjunto do SENAI. Assim, embora contrariado, fui obrigado a construí-lo no mesmo lugar do antigo, ali na barulhenta rua Itajaí.

Logo depois de minha volta de São Paulo, o Governo criou a nova carreira de médico-sanitarista para os que tivessem absorvido esse curso especializado, pós-graduado, e eu fui um dos poucos nomeados.

Foi também feita uma nova divisão administrativa do Departamento de Saúde, em Distritos Sanitários, sendo o de nº 3, sediado em Blumenau com jurisdição, naquele tempo, nos municípios de Blumenau, Gaspar, Indaial, Timbó, Rodeio, Acurra, Ibirama e Rio do Sul.

A construção do Centro de Saúde de Blumenau, entrementes ficara pronta e em 3 de maio de 1945 foi solenemente inaugurado, com a presença do Interventor Federal no Estado, ainda o Sr. Nereu Ramos.

Um mês depois eu fui nomeado, em caráter efetivo, para chefiar o Centro e supervisionar o 3.^o Distrito Sanitário. Todavia, mesmo nessa data o Centro ainda não estava completamente mobiliado e instalado, o que difi-

cultou bastante seu normal e eficiente funcionamento. Só lentamente isto foi sucedendo e também apenas gradativamente foram preenchidos os cargos de médico das diferentes seções, bem como os de atendentes, de guardas-sanitários, de enfermeiras-visitadoras, de auxiliar de laboratório e outros.

A Seção de Higiene Infantil e de Cozinha Dietética e, no início interinamente, a de Pré-Natal, ficaram sob a direção do Dr. Afonso Balsini; a Seção Pré-escolar e Escolar com o Dr. Telmo Duarte Pereira; a de Sífilis e Doenças Venéreas, com o Dr. Diogo Vergara; a de Oftalmo-oto-rinolaringologista com o dr. Armínio Tavares e a do Serviço Dentário com o cirurgião-dentista Dr. Frederico Baus. A Seção de Tuberculose, ainda não em funcionamento nesse ano por total falta de aparelhagem e também por absoluta falta de um médico que se interessasse pela especialidade, somente no decorrer de 1946, aos poucos foi instalada, e só em fins desse mesmo ano o aparelho de raios-X para abreugrafias ficou em condições de funcionar. Um atendente então se prontificou para fazer um curso prático em Curitiba para manipulá-lo e também para aprender a revelação dos filmes. E como ainda faltasse um médico interessado para o cargo, apesar de tudo pronto agora, em 1947 eu comecei a atender cumulativamente a Seção dentro das limitações de tempo e de possibilidades e sem maiores ônus para o Estado. Eu não podia mais ver aquilo tudo pronto e sem funcionar. Claro está que esses meus atendimentos extras, de horas vagas, só podiam ser muito precários e relativos, mas eu entendia que sempre era melhor aquele pouco do que nada. E assim continuei, sem que houvesse possibilidades de se conseguir um médico interessado para o serviço até fins de 1948, nem daqui nem de fora.

Por outro lado eu estava ficando cada vez mais desgostoso com o meu cargo de chefe do Centro e do Distrito Sanitário, que nessa altura se restringia quase totalmente aos serviços burocráticos de gabinete, para os quais, a meu ver, não havia necessidade de se absolver um curso de Saúde Pública tão rigoroso e demorado. Pareceu-me que tais funções poderiam ser preenchidas por um funcionário administrativo qualificado ou então por um médico especializado em administração de estabelecimentos públicos desse gênero.

Eu aprendera que as atividades do médico-sanitarista deveriam ser sobretudo dinâmicas, em trabalhos externos; inquéritos de endemias e epidemiológicos, na procura de soluções "in loco" e na tomada de medidas

profiláticas coletivas, etc., etc. No Centro, isto não era possível por falta de meios, falta de tempo, absorvido pelos serviços burocráticos, por falta de condução e de auxiliares. Resolvi então pedir aos meus superiores hierárquicos minha transferência da carreira de médico-sanitarista para a de tisiologista, em cujo exercício pleno eu poderia ser muito mais útil à coletividade e para a qual eu me propunha a fazer um curso de complementação.

Em princípios de 1949 fui atendido e mandado estagiar até fins de fevereiro no Departamento de Combate à Tuberculose do Paraná, em Curitiba, onde me familiarizei rapidamente com as interpretações radiológicas, os pneumotórax e os pneumoperitônios que ainda eram prática corrente naquela época.

Em 8 de abril de 1949 foi me concedida a transferência de carreira e neste cargo permaneci até maio de 1960, quando nele fui aposentado por tempo de serviço público, computadas conforme a lei, todas as funções públicas que eu exercera até aquela data.

A chefia do Centro passara às mãos do Dr. Abelardo Vianna que fizera o curso de médico-sanitarista no Rio, em 1947, e já trabalhara comigo como assessor e substituto eventual, durante todo o ano de 1948.

Em decorrência de meu curso de Higiene e Saúde Pública, eu fui convidado, em princípios de 1948, pelo diretor Rodolfo Gerlach para lecionar a matéria de Higiene, Educação Sanitária e Puericultura às alunas das 2as. e 3as. séries da Escola Normal D. Pedro II, instalada pelo Governo do Estado aqui em Blumenau, no ano anterior. Aceitei o encargo com prazer, a título de experiência, e fui nomeado em 8 de abril de 1948, iniciando imediatamente essa nova tarefa. No ano seguinte foi aberto concurso para o provimento efetivo da cadeira e, tendo tomado real gosto pelo magistério candidatei-me, fiz o concurso e ganhei a cadeira, sendo nomeado então “professor catedrático”.

A falta absoluta de livros didáticos sobre a matéria para o nível de Curso Normal equiparado ao curso científico, dificultou-me bastante, a princípio, os ensinamentos, já que faltava aos alunos e alunas toda a base para assimilar os assuntos em foco, os quais, significativamente, no curso superior de medicina, somente são ministrados na última série.

Adaptando-me aos poucos a essa condição de fato, procurei ensinar a matéria de maneira cada vez mais simplificada a fim de torná-la realmente acessível e de algum modo de efetiva utilidade, sem sacrificar o essencial dos assuntos lecionados.

Amadurecendo didaticamente de ano para ano, resolvi escrever as aulas dadas, elaborando um livro de acordo com o programa oficial e apresentei-o à apreciação da Secretaria de Educação do Estado. Passados alguns anos, tive a grata satisfação de ver o meu trabalho aprovado, propondo-se a Secretaria a mandar imprimi-lo, o que afinal foi feito em 1968 nas oficinas gráficas da Imprensa da Universidade Federal de S. Catarina, em Florianópolis.

O livro foi então adotado como orientador e a edição de 2.500 exemplares distribuída pelo Governo a todas as Escolas Normais do Estado e a outros estabelecimentos educacionais congêneres. Preciso esclarecer que não ganhei um centavo com esse trabalho. Quem nasceu para DH tem de ir até o fim como DH mesmo!

Voltando às minhas atividades médicas, preciso anotar que em 21 de julho de 1951 fui um dos 19 fundadores da primitiva "Associação Médica do Vale do Itajaí" - AMVI -, que abrangia os médicos de todos os municípios do Vale, desde Rio do Sul até Itajaí, inclusive Brusque.

Foi o Dr. Arminio Tavares o idealizador dessa AMVI. Antes de se estabelecer aqui em Blumenau, ele exerceu sua especialidade durante vários anos em Florianópolis, onde estava habituado à vida associativa médica, com fitos no intercâmbio científico e na defesa dos interesses da classe. Seu "cavalo de batalha" inicial aqui, foi a questão da remuneração que ele achava aviltante comparada a de Florianópolis. Como este assunto a seu ver, só podia ser discutido e resolvido em uma associação de classe, ele não mediu esforços na sua concretização. Conseguiu que ela abrangesse os médicos de todo o Vale do Itajaí. Depois de muitas marchas e contramarchas foi afinal fundada a AMVI e designada uma diretoria provisória para a elaboração dos estatutos, do registro, etc., constituída pelos colegas Antonio Hafner, Armínio Tavares, Ari Taborda e Renato Câmara. Feito isto, foi eleita a primeira diretoria definitiva, para o biênio 1951/53, sendo o presidente o Dr. Antonio Hafner e o vice-presidente o Dr. Armínio Tavares. Este, uns 2 ou 3 meses depois já demitiu-se irrevogavelmente do posto de vice, desgostoso com o andamento e atividade da associação, que não se desenvolviam de acordo com sua expectativa. Para substituí-lo foi então eleito o Dr. Paulo Mayerle, que por sua vez pediu demissão, 1 ou 2 meses depois, em virtude de acerbas críticas aos médicos do Hospital S. Isabel, por parte de médicos de Itajaí. Constatou-se logo que estas críticas pessoais eram de todo injustas e, no mínimo, erroneamente endereçadas. Como não houve reconsideração do

fato, eu acabei sendo o 3º a assumir a vice-presidência daquela primeira diretoria efetiva, sem que tivéssemos conseguido melhores relacionamentos ou união. A verdade é que sempre pela malfadada questão de preços de serviços, ao invés de se conseguir a união da classe, esta estava-se desunindo cada vez mais, ficando totalmente relegadas às trocas de idéias sobre assuntos científicos, culturais e sociais que a meu ver, deveriam se constituir em sua principal meta.

Eu estou escrevendo estas memórias especialmente para os meus netos e para eles desejo intercalar aqui que eu reconheço que sem pão (dinheiro) o homem não vive, mas também acho que só de "pão" e para o "pão" o homem não deve viver, conforme já diziam pensadores bíblicos. O dinheiro, não há dúvida, é um meio para se atingir alvos determinados, mas o "ganhar dinheiro" não deveria ser transformado no próprio alvo da vida, e muito menos por imposição. As aspirações, as ambições e o aprazimento variam de pessoa para pessoa e não podem ser padronizadas. O mais do que suficiente para um pode ser considerado miséria para um outro. Tal qual sobre gostos e cores, também sobre isso não há o que discutir.

Continuando com o capítulo AMVI - a segunda diretoria, biênio 53/55 foi presidida pelo Dr. Renato Câmara, continuando eu na vice-presidência. Porém, o comparecimento às reuniões periódicas foram escasseando cada vez mais, demonstrando os colegas associados, tanto os de fora como os daqui de Blumenau, um interesse cada vez menor nas sessões marcadas.

Eis que em 1955, o Laboratório Silva-Araújo-Roussel S/A, do Rio de Janeiro (S.A.R.S.A.) fez um convite à nossa AMVI e à Associação Médica de Joinville, para que cerca de 50 médicos visitassem suas fábricas, correndo inteiramente por conta da SARSA as despesas da viagem aérea, ida e volta, bem como a hospedagem no Rio, em Copacabana, por 3 dias. Aí sim, choveram interessados de todos os recantos, em número até superior à capacidade do avião, um velho DC-3, especialmente fretado! Uma "mamata" dessas interessava muito mais, está claro!

Nesse mesmo ano, resolveu-se eleger para o biênio 55/57, uma diretoria entre colegas de um outro município com a correspondente transferência da sede, por aquele período, na esperança de despertar um maior interesse para com a AMVI com esses revezamentos. Foi então eleita uma diretoria com médicos de Itajaí, sob a presidência do Dr. Alencastro Guimarães.

O resultado da experiência foi o pior possível, simplesmente desastroso, acabando no definitivo desmantelamento da AMVI.

Fundamos então nossa associação local, só constituída por médicos do Município de Blumenau e eu fui o presidente no biênio 57/59. Também nesse período deixamos de ser uma associação independente e nos vinculamos à Associação Catarinense de Medicina (ACM), sediada em Florianópolis e por sua vez associada à Associação Brasileira de Medicina (ABM), tornando-nos a Seção Regional de Blumenau da ACM. Adaptamos nossos estatutos aos da ACM, no que eu tive uma inestimável colaboração do colega Augusto Deeke de Figueiredo que logo depois se mudou daqui. Daí em diante as coisas começaram a melhorar lentamente, estabelecendo-se um intercâmbio mais profíquo com os colegas de Florianópolis e até de outros Estados.

Os médicos dos demais municípios, ex-integrantes da AMVI dissolvida, constituíram-se gradativamente em novas Seções Regionais da ACM. Com a dissolução da AMVI perderam-se livros de atas e assim subsídios para a continuação desta crônica.

Na minha clínica particular, a partir de 1950, também passei a dedicar-me especialmente ao tratamento da tuberculose. Adquiri um aparelho de raios "X" para abreugrafias de tamanho maior e para chapas normais que durante muitos anos proporcionou bastante serviço, pois, eu fazia tudo sozinho, inclusive as revelações. Foi um trabalho que executei com muito gosto e dedicação. E ele acabou por ser-me fatal. Em 1962 eu fui vítima, repentinamente, de graves distúrbios visuais no OD, o que para quem como eu já perdera totalmente a visão do OE, não podia deixar de ser perspectiva das mais tenebrosas. Segundo o diagnóstico final no Instituto Penido Burnier de Campinas, SP, afamado centro oftalmológico do País, para onde fui encaminhado com urgência pelo colega Wilson Santiago, eu estava com uveíte serosa, cório-ritinite exsudativa, com sufusões hemorrágicas difusas e edema macular, de etiológica tuberculosa e a visão reduzida a 6%!

Após tratamento específico intensivo durante um ano, consegui recuperar a acuidade visual do OD até 2/3, permanecendo nulo evidentemente a do OE. Contudo, ficaram resíduos irreduzíveis e focos múltiplos de cório-ritinite atrófica; uveíte serosa-crônica e atrofia parcial do nervo ótico.

Este quadro nada animador determinou meu definitivo afastamento da tisiologia, pois, segundo os especialistas de Campinas, em caso de eu continuar em contato com tais doentes, fatalmente ficaria sujeito a novas

infecções e com elas ameaçado de novos choques anafiláticos a poderem causar novas hemorragias oculares internas em algum daqueles múltiplos focos residuais-cicatriciais remanescentes, o que seria de consequências imprevisíveis e, quem sabe, irrecuperáveis.

Vendi então o aparelho de Raios X e fiquei vários meses sem clinicar a fim de tratar-me convenientemente. Depois continuei atendendo apenas casos de clínica-geral, de doenças não infecciosas e, portanto, em escala cada vez mais reduzida. Em resultado disso, em fins de 1967, encerrei definitivamente meu exercício da medicina.

Pelos mesmos motivos e naquele mesmo ano, também fui aposentado como professor do Colégio Normal Pedro II, onde tive o prazer de lecionar durante quase 20 anos.

Embora seja possível, não é fácil a gente se adaptar a um estado de completa inatividade profissional por motivos como os meus aos 61 1/2 anos de idade, como eu tinha então, estando no mais, ainda em perfeitas condições para continuar a exercê-las.

A falta repentina de compromissos e o conseqüente sedentarismo torna a vida rapidamente enfadonha, acabando por causar uma evidente deterioração psicossomática ao aposentado se ele não tomar medidas substitutivas, mesmo que estas não lhe agradem no início.

Adotando um pensamento de Goethe, a gente precisa conscientizar-se de que não só fazer aquilo que se gosta, torna a vida aprazível e abençoada, mas também o realizar com gosto aquilo que somos obrigados a fazer.

Para não deixar emperrar as articulações, nem atrofiar os músculos, tratei de mexer-me sem demora. Inicialmente experimentei as clássicas longas caminhadas pela cidade. Porém, cedo me convenci de que isto não era lá muito proveitoso e satisfatório, ao menos para mim. Pelo simples aspecto puramente físico, elas eram apenas parcialmente úteis, uma vez que a inspiração forçada do ar intensamente poluído pelos gases tóxicos dos veículos a motor e as poeiras das vias públicas, etc., além das inevitáveis poluições sonoras e visuais que se nos deparam a cada passo, podem ser tudo, menos saudáveis ou estimulantes. Mas também psiquicamente tais caminhadas se me revelaram desvantajosas, não só por se constituírem quase sempre numa obrigação contrafeita, de amargo sabor, como também pela constante lembrança das causas que a determinaram e que acompanham permanentemente o andante. Tais lembranças eram especialmente avivadas

nos encontros fortuitos com amigos, conhecidos ou companheiros de infortúnio, por aqueles indefectíveis: O que é que há? Até você! Como vai, etc. e tal. Para mim o velho "desgraça de muitos consolo é" - não funcionou e muito menos resolveram os "bons conselhos" de que em geral são pródigos os que estão bem para aqueles que estão mal, os quais quase nunca são solicitados nem apreciados.

Eu estou hoje convicto de que o mesmo se dá, em tais circunstâncias, pelo menos em parte, com o pedestrianismo terapêutico dos vitimados por enfarte, muitos dos quais jamais tomaram conhecimento de tais salutaras práticas físicas antes. Contudo, eu admito que no início, tais bate papos, trocas de idéias, de informações e de experiências, a título de desabafo mútuo, possam até ser benéficos, mas com a repetição inevitável certamente acabam por cansar e a enervar, produzindo efeitos contrários. Enfim, tudo é também uma questão de temperamento individual. "De gustibus et coloribus non est disputandum" já diziam os antigos romanos.

Em vista disso eu resolvi mudar de métodos e de ambiente e, em princípios de 1968 comecei a fazer exercícios de jardinagem na área que circunda a casa de campo da família, lá no "Haras Três Figueiras", onde passei também a cuidar da piscina. O ambiente era puro e sem poluições de espécie alguma. Ao som do rádio de pilhas eu me distraía trabalhando diariamente até o meio-dia. À tarde, aqui em casa, me ocupava com leituras, com música e, às vezes, em escrever qualquer coisa. Foram vários meses bastante relaxantes e interessantes em múltiplos sentidos, principalmente para o equilíbrio e a estabilização de meu novo modo de vida de aposentado.

Alcançada essa finalidade, dei por encerradas as atividades de "trabalhador braçal não qualificado", tão longe de casa. Além da benéfica ação psicossomática que tais atividades braçais me ofereceram e que pratiquei temporariamente, a título esportivo e terapêutico, elas me fizeram, desde então, olhar com muito mais respeito e reconhecimento para todos aqueles que diariamente, de sol a sol, nelas se ocupam profissionalmente, como meio de subsistência para si próprios e para suas famílias.

De volta de uma viagem que fiz com minha mulher em agosto/set. daquele mesmo ano de 1968, para compensar a falta de exercícios físicos que eu fazia lá na granja, adquirei logo um aparelho de ginástica caseira a fim de manter-me em forma. Vendi também meu automóvel, por supérfluo, libertando-me assim definitivamente da pressa e do relógio, o que se traduziu

para mim, de modo incontestável, em tranqüilidade e paz de espírito. Levar a efeito tudo com calma, devagar e sempre tornou-se para mim um hábito realmente salutar. Até a máquina de cortar grama (manual) foi e continua sendo um benéfico recurso de entretenimento, além de livrar-me de aborrecimentos com os cada vez mais difíceis jardineiros.

Como último passatempo e que veio a se tornar meu lazer predileto, comecei a colecionar pássaros. Além de um viveiro que enchi com uma passarinhada miúda e variada, cheguei a possuir 15 gaiolas com aves canoras diferentes. Até hoje, todos os dias, eu me encarrego da limpeza do viveiro e das gaiolas, bem como do tratamento da bicharada, o que me obriga a um exercício matinal de aproximadamente uma hora, de maneira suave e agradável.

A enternecedora confiança que a gente adquire, aos poucos, da passarinhada, a paciência com que eles aguardam, um por um, sem reclamar, os meus cuidados e a ração predileta que lhes ofereço, ao par de seus gratificantes, coloridos e generosos gorjeios, me sensibilizam sempre de novo, dia a dia, continuando a me dar um prazer de viver sempre renovado.

E foi assim, graças a DEUS e com ou apesar da medicina, eu cheguei a este ano de 1979, com 73 anos de idade e 50 de formatura.

Com fé em DEUS, humildade, resignação e tenacidade, consegue-se transformar qualquer infortúnio, o pior que seja, em uma existência, de algum modo radiosa.

Não custa experimentar até encontrar, cada um, o seu próprio caminho e oásis. Querer é o primeiro passo para poder.

**O Professor
que o
Imigrado
Inventou**

Texto:

**THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ***



**1. Acontecência nos abeiramentos do Rio
Biguaçu**

Apareceu o problema (Sem ser novo no território brasileiro) quando a escola e o seu professor (brasileiros) não chegaram para o lugar onde o imigrado os queria. Ele, o problema sempre configurou contra-senso: *o Brasil imigrante necessitado de braços estrangeiros, foi relapso quanto à escolarização de abasileiramento.*

Quem relata este aspecto é o cônego doutor Raulino Reitz (1919-1990). Ele deixou na geografia do rio Biguaçu o cordão umbilical. Daí porque é responsável por 581 páginas sendo o livro intitulado “ALTO BIGUAÇU NARRATIVA CULTURAL TETRARRACIAL”. E neste faz a afirmação seguinte: “*A Escolarização no Município de Antônio Carlos nos traz à memória uma luta épica, sobretudo dos colonos*”(…) “*Não havia professores oficiais disponíveis para escolarizar os filhos dos colonos*”(…) (Cf. livro mencionado à p. 81)

**2. E a aristocracia feudal e indiferente
recebeu a resposta**

A família do imigrado inventou o “Professor” Ambulante. Uma invenção com conteúdo de protesto sendo também lição repelente.

* Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

– Um grito de orgulho: nossos filhos não serão analfabetos. Entendemos que o referido professor foi meio para solucionar a inexistência do prometido, porém na execução desta solução se vê que o Brasil imigrantista facilitou, que, em outras áreas catarinenses, fossem instaladas escolas pedagogicamente, organizadas para a formação de minoria racial. Anos para frente conheceram os da época, a imprensa nacional assumida de patriotismo divulgou que os “*germânicos bolsões*” existentes no território catarina apresentavam o “*perigo alemão*”. Intelectuais como Altino Flores e outros contestaram o exagero e repeliram o insulto à brasilidade provada do Barriga-verde. Se em bolsões compactos de imigrados alemães (teuto-brasileiros), o Brasil catarina era de não falar o vernáculo do contrerrâneo açoriano (de São Francisco do Sul, Ilha de Santa Catarina e da Laguna) era um resultado da ausência da escola brasileira lá, quando a família do imigrado ainda estava no rancho de palmas amarradas com embira.

3. Todo “Professor” Ambulante saiu da iniciativa particular

Diz o cônego doutor que existiram vários que ambulavam no ofício: um deles chamado Francisco Koll (1866-1958), é tomado aqui para representar todos eles. Mesmo figuras humanas viventes na simplicidade e em lugares assemelhados, no desconforto, eles ensinaram crianças a distinção do “O” como letra redonda. E não tiro do destaque (prestado aqui) o chamado Pedro Martins Jaques, amigo da estimulação alcoólica ao exagero. Isto porque mesmo não sendo confiável, como não o é nenhum alcoólatra, conseguia lecionar com a lucidez necessária.

Esses “professores” ambulantes funcionaram contagiando os adultos que diante do próprio espelho viram-se analfabetos. O que indicamos para representar todos, viveu 92 anos, escreveu versos e foi envolvido em solenidades particulares, domésticas e comunitárias: alcançou ser ancião respeitável, e até sendo o orador oficial de recepção a jovem padre seu ex-aluno. Versejava e musicava, são deles em “Cantos do Piquenique” os seguintes versos:

*“A natureza em redor
Inspira fé, vero amor
A vista longe não tem fim
Tão bela Deus fez assim”* (Cf. op. cit. p. 84)

O mesmo livro do cônego doutor informa que Fernando Koll dominava o linguajar alemão local, porém não esclareceu em que linguajar prestava as habilidades específicas o que era consumidor da produção do alambique local. Fica a dúvida por causa do seu nome de batismo, Pedro Martins Jaques: ensinava em que língua?

As minudências sobre eles perdem importância: não foram demagogos, nem postiços. Quem os omitir na história da alfabetização dos filhos de imigrantes, peca por propositada omissão: comete injustiça. – O “professor” ambulante exerceu um ofício porque o Brasil imigrante do político aristocrata, feudalista e escravocrata, imaginou ser natural que ficassem sem escolarização o filho do imigrado.

O “professor” ambulante é uma invenção criada pela necessidade prioritária, sendo: (1) Raro e único no ofício; (2) Útil na organização e funcionamento da família como célula da Sociedade; (3) Necessário ao modo de alavanca apoiada na vontade forte do País.

4. Natural que o filho do imigrado ficasse analfabeto

A bibliografia sobre o imigrado no processo de brasileiroamento é rica e acessível: o latifundiário da cultura do Café (São Paulo) e o da cultura da cana-de-açúcar (Pernambuco) formados e feitos na utilização do braço escravizado, entendeu a presença do imigrado europeu como um sucessor do escravo que a Abolição da escravatura (1888) liberou. Tal maneira de pensar dos senhores de senzalas não foi aceita pelo imigrado. Sendo eles os da aristocracia rural sustentáculos da regência política perceberam que, com o imigrado o relacionamento lhes era desfavorável: não os teria como escravos. Assim entende-se o porque não foi pequeno o abandono de imigrantes e imigrantes nos assentamentos colonizados. E não exclusivamente, no território catarinense: a dominação política do

latifundiário estava presente em não oferecer a escolarização dos seus filhos. Impedir que fossem alfabetizados, era meta para ser alcançada. A longo prazo produziria inferiorização e diluição na massa popular pobre. *Se o político latifundiário fez tal cálculo. O imigrado, deslocado das origens telúricas por fortes insatisfações viu e sentiu e reagiu com soluções como por exemplo a do “professor” ambulante.* E aqui é próprio registrar: a quantidade de analfabetos não foi maior porque as religiões com suas comunidades instaladas (Católica e a de Confissão Luterana) instalaram escolas comunitárias. *Foram estas fontes de escolarização as lastreadoras do progresso em Blumenau e em Joinville.* A indiferença pela educação e instrução para gente dita popular, durou até o período da Revolução de 1930. Vem ela, a Educação, acessível aos interessados indistintamente, desde que o *Presidente Getúlio Vargas (1883-1954) incumbiu o baiano cientista em Educação, Anísio S. Teixeira (1900-1971) do projeto popularizador, conteudisticamente, revolucionário.*

5. Olavo Bilac e o imigrado alemão do Alto Biguaçu

O lembrado cônego doutor Raulino Reitz não dissecou o mestre-escola que informou ser ambulante. E ficamos nós os ambiciosos em saber muito sobre ele, sem conhecer quem foi na vida inteira e de corpo inteiro da paisagem humana. E até sem poder avaliar se funcionou em programa de extensão da germanidade: avaliar ou identificar. – Teria ele sido criatura que mascateava o conhecimento do á-bê-cê e da tabuada? – Ou colono bilíngüe (dominando vocabulário de português brasileiro e do alemão falado por ali) porém como os demais assentados em lote rural e dividindo os fazeres do agricultar com o de ensinar crianças? E que fora o funcionamento no ensino que o diferenciou? Diferenciou e apelidou: professor! E aqui se tem a indagação: por quê então foi identificado como ambulante? De certo ambulava oferecendo o serviço de ensinador e não era fixado em lote como domicílio e residência. Estas minudências não prejudicam entender que exerceu ofício útil e necessário: evitou que cri-

anças em idade escolar ficassem analfabetas, ensinando o que podia ensinar.

6. A sensibilidade patriótica do poeta plagiou a vontade forte do imigrado

Dizer hoje que o Brasil imigrantista de ontem recebeu imigrante que aos filhos ofereceu a escolarização alfabetizadora é o mesmo que dizer a família imigrada para os abeiramentos do rio Biguaçu chegou ali com forte conscientização da necessidade de escola para os filhos: por isso aproveitou quem por ali ambulava ensinando crianças ou inventou um “professor” ambulante.

Os pais que tudo fizeram para os filhos não ficarem intelectualmente cegos, não sabiam que em milhares de lugares brasileiros, não existiam escolas alfabetizadoras nem outras: os pais imigrados, de certo não conheceram a carta que o poeta Olavo Bilac (1865-1918) escrevera ao Dr. Affonso Penna, presidente da República, dizendo: *“no Brasil imensos tratos de terra, em que não floresce uma escola” (...)* a instrução primária ainda não é o que deve ser” (...) *Creia o sr. Dr. Affonso Penna que é assim, e não de outro modo, que um povo perde a sua dignidade, a sua independência, a sua nacionalidade.*” (Cf. Ironia e Piedade, p. 47)

Os imigrados que chegaram para o Alto Biguaçu não tomaram (*mesmo que domiciliados e residentes antes da presidência Affonso Penna*) conhecimento da carta do parnasiano Olavo Bilac. Mas se por milagre lhes chegasse aos ouvidos, os trechos acima transcritos, por certo se imaginariam plagiados.

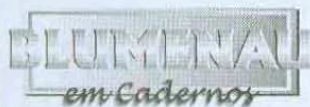
Bibliografia de Apoio:

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravidão no Brasil.**
COSTA, Emília Viotti da. **Da Colônia à Senzala.**
TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio.**

**Livros
Novos**

Texto:

**ENÉAS
ATHANÁZIO***



Contista, cronista e crítico, Antônio Roberto Neves vem colaborando há muitos anos com a imprensa de nosso Estado. Quando editei a Página Literária do jornal "Tribuna da Fronteira", da cidade de Mafra, uma das mais duradouras do Estado, ele foi colaborador assíduo. Nestes últimos tempos teve trabalhos publicados no jornal "A Voz do Vale". Também apareceu nas antologias da Editora do Escritor (S. Paulo), tão ligada aos catarinenses, diversos dos quais tiveram nela a primeira editora.

Desde que tivemos o primeiro contato, há coisa de vinte anos, ele vem acompanhando com interesse meu trabalho na área das letras e revelando um apreço especial pela minha ficção - contos, novelas e crônicas. Nunca imaginei, no entanto, que esse interesse o levasse a reler todos meus livros desses gêneros para escrever com minúcias sobre cada um deles.

Mas foi isso que ele fez, em nada menos que onze ensaios, analisando livro por livro, conto por conto, com uma paciência admirável, resultando daí uma visão panorâmica de meu trabalho ficcional como nunca foi feito antes. A paisagem dos Campos Gerais, os usos e costumes de sua gente, os personagens, as histórias, a linguagem e tudo o mais, nada escapou desse exame rigoroso e sistemático. Foi uma surpresa agradável reencontrar tudo que criei, repassando

* Escritor e advogado.

cada um de meus livros, coisa que eu próprio nunca havia feito, ainda mais que coincidiu com os 25 anos de "O Peão Negro", meu livro de estreia, publicado em 1973.

Agora, com o título geral de "Da Ficção de Enéas Athanázio: uma Abordagem", a coletânea de ensaios será publicada em volume, devendo circular dentro dos próximos dois meses. Embora sendo baiano e residindo em Salvador, Antonio Roberto Neves, que usa nos seus artigos o pseudônimo de Antonius, sentiu como poucos o "clima" dos Gerais Catarinenses que tentei recriar na minha ficção. É curioso observar que ele é o segundo nordestino a escrever sobre ela. O primeiro foi Nelson Barbalho, com o livro "Gerais Athanazianos", publicado pela então Fundação Casa Dr. Blumenau, em 1989.

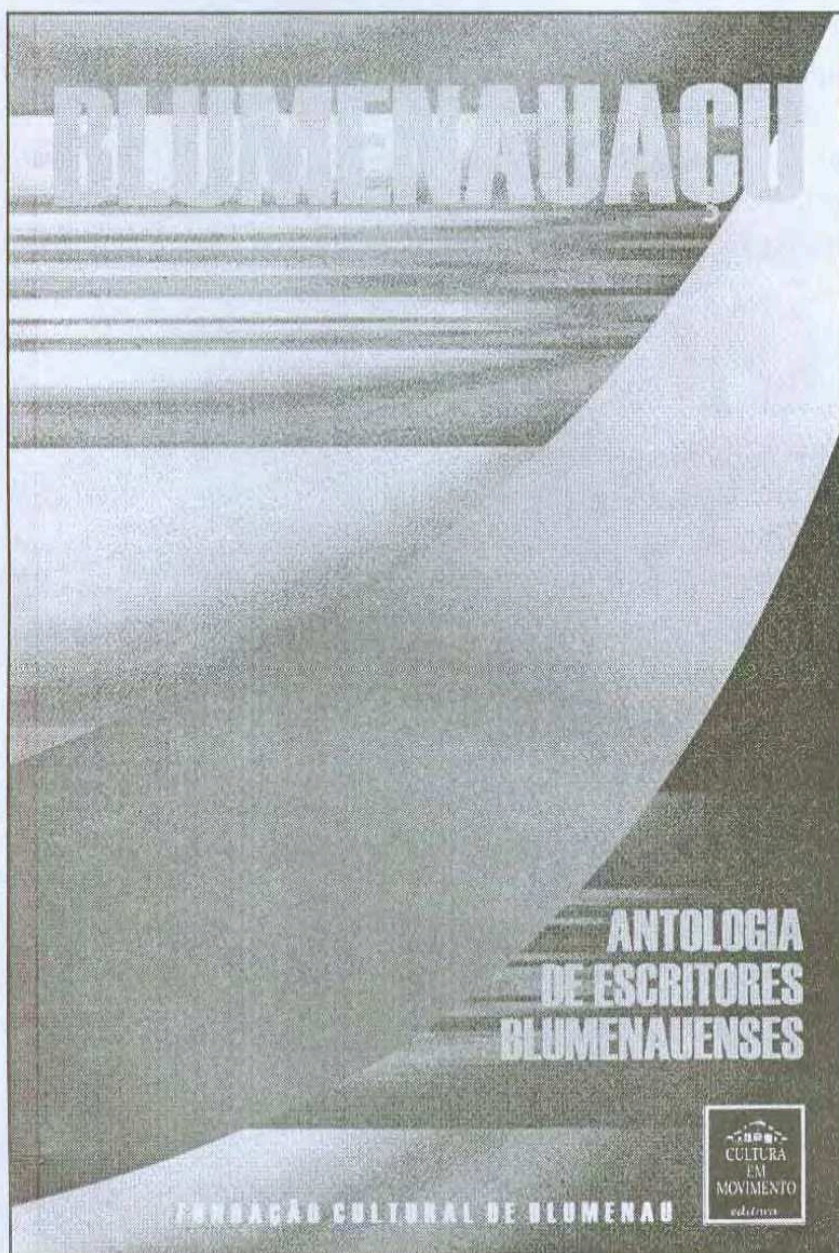
II

A diligente pesquisadora Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart está lançando novo livro. Trata-se do volume "Anotações de uma Imigrante Polonesa", com o qual a autora enriquece sua já expressiva obra de historiadora. O livro é baseado em vasta pesquisa e muito bem documentado, representando uma boa contribuição ao tema. Para mim, que morei por muitos anos no Planalto Norte, convivendo com os descendentes de poloneses, é fácil perceber a autenticidade do material recolhido às páginas deste volume. Embora residindo em Curitiba, Maria do Carmo não perde de vista o Estado e a região natais, para os quais está sempre de olhos voltados.

III

Para comemorar os 148 anos da cidade (1850/1998) a Fundação Cultural de Blumenau promoveu extensa e variada programação. Dela constou a colocação de um poema de Martinho Brünig em pedra monumental na Praça Victor Konder, homenagem justa e merecida ao celebrado poeta e grande amigo. Na Galeria Municipal de Artes foi aberta

exposição de obras de vários artistas plásticos e autografado livro de Edith Kormann, por mim comentado na coluna anterior. Foram feitas ainda mostras documentais com o acervo do Arquivo Histórico em locais diferentes. Uma programação para todos os gostos.



IV

Para inaugurar sua própria Editora, a Fundação Cultural de Blumenau promoveu o lançamento de uma antologia em prosa e verso, reunindo trabalhos de romancistas, contistas e poetas ligados à cidade. Além de ser o título pioneiro da Editora, a antologia servirá de base para a primeira etapa do Projeto Autor-Escola, a ser realizada em Blumenau, em parceria com a União Brasileira de Escritores (UBE-SC) e a Secretaria Municipal de Educação. A UBE vem enviando esforços para que esse Projeto, que bons frutos deu no passado e vem dando em outros Estados, seja reimplantado entre nós, agora de forma mais ampla e definitiva.

V

"O Suplemento Literário de Minas Gerais", que antes era "do" Minas Gerais, deu invulgar destaque ao poeta Cruz e Sousa, em sua edição número 40, da nova fase, correspondente a agosto deste ano. * Está circulando com regularidade o suplemento cultural "Klaps", editado pela Fundação Cultural de Joinville. * Está em preparo o IX Salão Estadual Universitário de Artes Plásticas, que acontecerá entre 26 de novembro e 29 de janeiro, na Galeria da UFSC, em Florianópolis. * Foi lançada na Assembléia Legislativa a coletânea "Contos de Magistrados", reunindo histórias da autoria de juízes-escritores, em publicação da Editora Garapuvu. * A UFSC, através de seu departamento artístico, tem promovido intensa atividade no setor, com inúmeras exposições da obra de artistas plásticos, fotógrafos, escultores e outros, com uma programação variada e constante. * Também o Instituto Histórico e Geográfico (IHGSC) tem promovido diversos e variados eventos sobre assuntos de sua área.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=12 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=12 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1998** (Tomo 39). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome:

Endereço:

Bairro: Caixa Postal:

CEP: - Fone p/ contato:

Cidade: Estado:

.....
Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering
Alfred Luiz Baumgarten
Altamiro Jaime Buerger
Annemarie Fouquet Schünke
Ariano Buerger
Benjamim Margarida (*in memoriam*)
Genésio Deschamps
Mark Deeke
Nelson Vieira Pamplona
Victória Sievert
Willy Sievert (*in memoriam*)
BTV - Blumenau TV a Cabo
Buschle & Lepper S/A
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
Eletro Aço Altona S/A
Gráfica 43 S/A Ind. Com.
Hering Têxtil S/A
Herwig Schimizu Arquitetos Associados
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.
Lindner Arquitetura e Design
Madeireira Odebrecht
Transformadores Mega Ltda.
Unimed Blumenau

BLUMENAU
em Cadernos

TOMO XXXIX
Outubro de 1998 - Nº. 10



A reconstituição de imagens femininas corre o risco de apenas reproduzir o mítico. Dar historicidade a estas imagens é buscar, não as suas origens ou causas, mas os momentos em que tais imagens são reativadas e proliferam. Demonstram, não somente a resistência dessas normas culturais, como também a importância das mulheres e de seu comportamento nos embates sociais.

Joana Maria Pedro: "Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: uma questão de classe"

”

